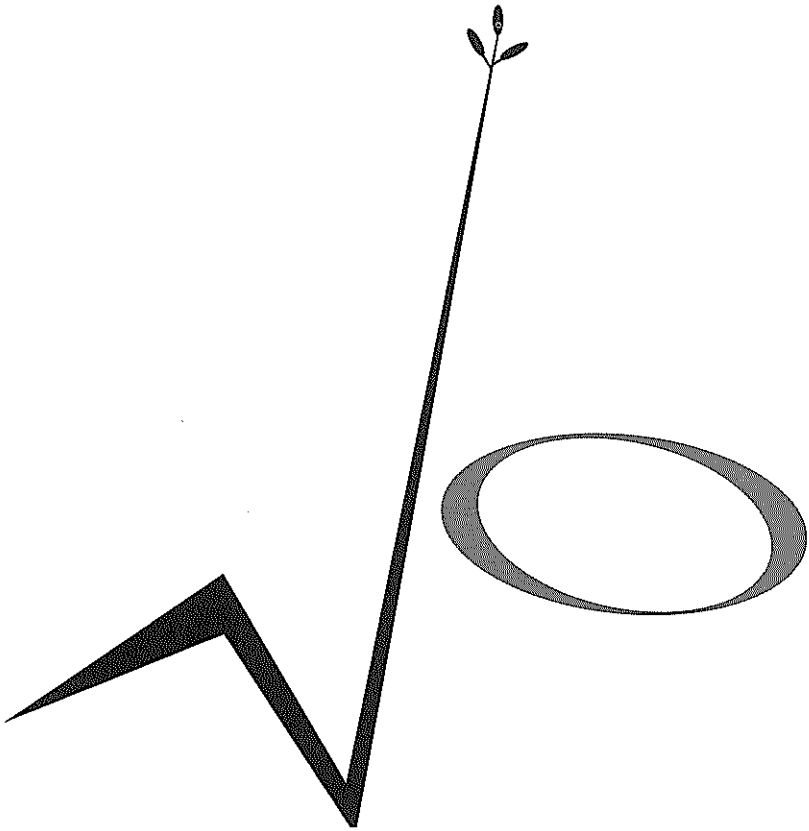
REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N.º 40, Maio 2010



NOVOS SACERDOTES

NOVELLAE OLIVARUM





NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
Nuno Rosário Fernandes (sub-director)
David Palatino
Hugo Gonçalves
Paulo Pires

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

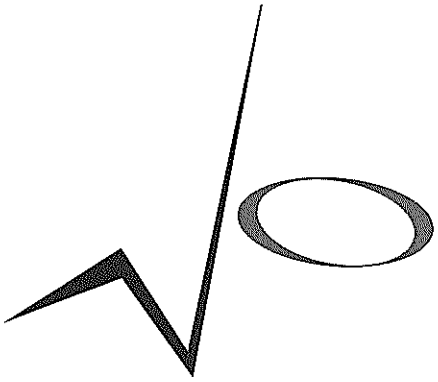
DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

DEPÓSITO LEGAL: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
1200 exemplares

PREÇO
€ 5



SUMÁRIO

EDITORIAL 7

QUEM É BENTO XVI ? 11
Padre João Vergamota

SACERDÓCIO BAPTISMAL E SACERDÓCIO MINISTERIAL 21
D. Joaquim Mendes

O PADRE DIOCESANO
NO PENSAMENTO DO CARDEAL RIBEIRO 33
Padre José Miguel Pereira

O MINISTÉRIO DA PRESIDÊNCIA LITÚRGICA 49
Padre Pedro Lourenço

RETRATO DOS ORDINANDOS 55

A VIDA ESPIRITUAL DO PADRE
NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO 85
Cónego João Marcos

«O SENTIDO DA VIDA SACERDOTAL» 107

TESTEMUNHO
SOBRE O PADRE JOSÉ HONORATO ROSA 109
Doutora Maria Vitalina Leal de Matos

CRÓNICA 119
Paulo Pires

Eu sou sacerdote do Senhor

Para Ele exerço o meu sacerdócio

A Ele apresento a oferenda do Seu pensamento

Seu pensamento não é comparável ao mundo nem à carne

Nem àqueles que vivem segundo a carne

A oferenda do Senhor é a piedade

A pureza do coração e dos lábios

Oferece-Lhe um coração irrepreensível

Que teu amor não oprima o amor

Nem tua alma oprima outra alma

Não compres o estrangeiro pelo preço da tua alma

Não explores o teu próximo

Nem o prives do manto que lhe cobre a nudez

Reveste-te com a abundância da graça do Senhor

Regressa ao Seu paraíso

E com ramos da Sua árvore tece para ti uma coroa

Coloca-a na tua cabeça e alegra-te

E apoia-te na Sua bondade

Sua glória te precederá

Participarás da Sua bondade e da Sua graça

E serás ungido na verdade

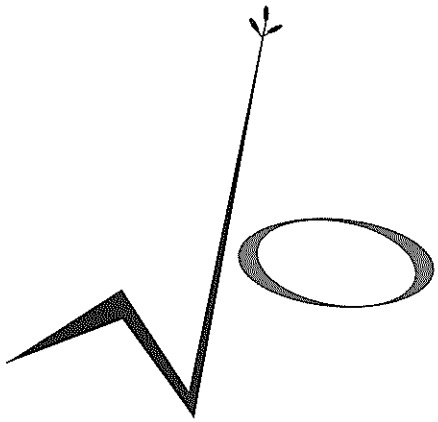
Na glória da Sua santidade

Honra e glória ao Seu nome

Aleluia

20ª Ode de Salomão

*As Odes de Salomão foram originalmente compostas em síriaco e são uma das mais antigas expressões literárias extra-bíblicas do Cristianismo. Trata-se de 42 poemas, escritos provavelmente no Norte da Síria entre os anos 100 e 125 para serem cantados e salmodiados. São obra de um único autor. A sua temática e a sua linguagem são próximas das dos escritos joaninos e deixam entrever a comunidade cristã como um pequeno grupo rejeitado pela sinagoga e perseguido, vivendo intensamente o amor a Cristo e a comunhão fraterna.



EDITORIAL

Os que nos duros campos trabalharam
Voltarão entre vozes de alegria
Erguendo ao alto os frutos da colheita
Ressuscitou o Senhor!

São de um hino da Liturgia das Horas estas palavras. Porque estamos celebrando a Páscoa ressoam frequentemente aos nossos ouvidos, e acodem também aos nossos lábios porque são verdadeiras em nós. De facto, a Igreja é um campo onde se trabalha duramente. O Seminário é um duro campo onde as nossas forças são, quase sempre, apenas a moldura da nossa fraqueza e onde, também por isso, resplandece melhor o poder de Deus.

Não é coisa fácil transformar rapazes, iguais a tantos outros, em pastores moldados no coração de Jesus Cristo, habitados pelo Seu Espírito e movidos pela Sua caridade. Não é nada fácil este percurso de esvaziamento de si próprios que os torna disponíveis inteiramente para dizerem as palavras de

Cristo e realizarem as Suas obras. Mas é assim que poderão manifestar, na Igreja e no mundo, o amor solícito do Bom Pastor por cada um daqueles que o Pai Lhe confiou. São duros os campos que trabalhamos, mas a vitória do Senhor sustenta-nos e guarda-nos a Sua fidelidade. E os frutos vão aparecendo, apesar de tudo, apesar de nós.

Queremos apresentá-los aqui sem triunfalismos mas entre vozes de alegria, entre as vozes humildes e cheias de gratidão de quem se alegra no Senhor porque vê nestes rapazes a obra por Ele realizada. Apresentamos os finalistas que, concluído o Ano Pastoral, serão ordenados presbíteros: cinco do Patriarcado de Lisboa (dois do Seminário dos Olivais e três do Seminário Redemptoris Mater), um da Diocese de Santarém e outro da Diocese do Funchal. Queira Deus abençoá-los e conceder muita fecundidade espiritual ao seu trabalho!

Decorrendo ainda o Ano Sacerdotal, não é de estranhar que este número da *Novellae Olivarum* ofereça aos leitores um conjunto de trabalhos sobre o Sacerdócio. A complementaridade e a interdependência da dimensão sacerdotal da vida cristã e do ministério ordenado são tratadas por D. Joaquim Mendes, bispo auxiliar do Senhor Patriarca, num artigo elaborado propositadamente para a nossa revista. O Padre José Miguel Barata Pereira oferece-nos uma síntese do pensamento do Cardeal Ribeiro acerca do padre diocesano a partir das suas homilias na Missa Crismal e nas Ordenações. Queremos, com este trabalho, manter viva a memória do ilustre pastor que apascentou sabiamente a Igreja de Lisboa no último quartel do século XX. «O ministério da presidência litúrgica» é um artigo muito significativo do Padre Pedro Lourenço que, regressado de Roma, reassumiu as suas funções como mestre do canto e da liturgia no nosso Seminário. Para além da importância

intrínseca da matéria e da forma lapidar como é tratada, é significativo porque dá continuidade a esta temática que tornou a *Novellae Olivarum* famosa desde os tempos de Mons. Pereira dos Reis.

Repescados das Jornadas de Formação Permanente do Clero deste ano, apresentamos ainda dois textos que nos parecem oportunos e úteis, sobretudo para os membros do presbitério diocesano: «A vida espiritual do padre no exercício do ministério» da autoria do Cónego João Marcos, e o testemunho da Doutora Maria Vitalina Leal de Matos acerca do Padre José Honorato Rosa, membro ilustre do clero de Lisboa, homem cheio de sabedoria e de mansidão, cuja vida terminou abruptamente há já quarenta e dois anos.

Não quisemos deixar de assinalar e de ajudar a preparar, ainda que modestamente, a vinda do Santo Padre a Portugal e pedimos ao padre João Vergamota que fizesse uma apresentação de Bento XVI aos nossos leitores. É com esse trabalho que abrimos este presente número, e encerramo-lo, como habitualmente, com a crónica da vida do Seminário, escrita pelo Paulo Pires.

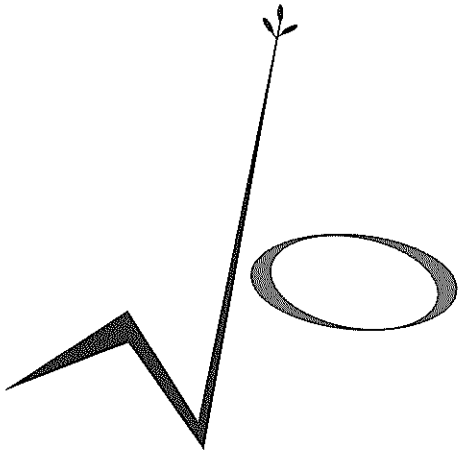
Ressuscitou o Senhor!

A revista, nós próprios, o Seminário, os padres, os bispos e o Papa, a Igreja inteira, tudo isto nasceu da Páscoa de Jesus, da sua vitória sobre a morte, e, por isso mesmo, tudo isto proclama e anuncia a fonte de vida eterna aberta na Igreja para dar a Vida ao mundo.

Ressuscitou o Senhor!

Sentir-nos-emos largamente recompensados pelo nosso trabalho, se estas páginas te ajudarem, caro leitor, a reconhecer a presença vivificante de Cristo ressuscitado no meio de nós.





QUEM É BENTO XVI ?

Padre João Vergamota

Bento XVI visitará Portugal em Maio próximo, e será o terceiro Pontífice a fazê-lo. Vem como peregrino de Fátima, confirmar-nos na fé!

Para conhecermos melhor Joseph Ratzinger, o homem que Deus escolheu como Pastor da Igreja Universal, apresento aqui um breve resumo biográfico da sua vida, desde o nascimento até à eleição papal, que se apoia fundamentalmente, como não podia deixar de ser, na sua autobiografia, intitulada *A minha vida*, e que é aqui abundantemente citada.

Da infância ao doutoramento

Joseph Ratzinger nasceu a 16 de Abril de 1927, Sábado Santo, em Marktl am Inn (Alemanha), numa família cristã, que já contava com dois filhos, uma rapariga e um rapaz. Foi baptizado no próprio dia em que nasceu.

Aos dois anos deixou Marktl am Inn e foi mudando de casa com um certa regularidade (Tittmoning, Aschau am Inn) até a família se fixar mais longamente em Traunstein, a partir de 1937.

Na Alemanha, o III Reich começava então a tornar-se cada vez mais presente e opressor. Joseph entra no Liceu de Traunstein, onde também já se começava a infiltrar o nacional-socialismo. Contudo, os tempos conturbados não impediram o jovem Ratzinger de entrar para o Seminário Menor em Traunstein na Páscoa de 1939[1].

Mais tarde, em 1944, é convocado com os colegas para o serviço anti-aéreo de Munique, ficando instalado num campo na fronteira da Áustria com a Hungria e a Checoslováquia. Permanece lá até ao fim da guerra, voltando para casa em Junho de 1945[2].

Com o fim da guerra vai então para o seminário em Frisinga. Em 1947, terminado o biénio de estudos filosóficos, pede ao bispo para continuar os estudos teológicos na universidade (porque havia a possibilidade comum de ser no seminário). Com a autorização episcopal vai para Munique, ficando instalado no *Georgianum*, um colégio para os teólogos que pretendiam prosseguir os seus estudos na faculdade. É aqui que o estudante Ratzinger vai começar a aventura das ciências teológicas.

Em Munique, estes tempos teológicos do após-guerra e anteriores ao Concílio Vaticano II eram vividos com uma intensa alegria, como um modo novo de viver a alegria da Redenção. Era uma teologia que olhava para o

---

[1] RATZINGER, J., *A minha vida*, Editora Livros do Brasil, Lisboa, 2005, p. 25.

[2] RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 37.

dogma como um fundamento vital do edifício teológico e que via a Igreja viva a acontecer principalmente na liturgia e na rica tradição teológica. Foi neste ambiente que ganhou raízes e se desenvolveu o pensamento teológico do jovem Ratzinger, marcando-o positivamente para o futuro.

O DOUTORAMENTO E A HABILITAÇÃO PARA O ENSINO – TEÓLOGO E PROFESSOR

Após o exame final de 1950, era proposta em Munique a elaboração durante nove meses de um trabalho (cuja autoria estava codificada) sobre um determinado tema, destinado a entrar num concurso académico. O que ganhasse, para além de uma pequena soma em dinheiro que recebia, era automaticamente aceite como tese com a avaliação máxima *'Summa Cum Laude'*. Assim, para quem ganhasse, estariam logo abertas as portas ao doutoramento[3]. O tema do trabalho era lançado pelos professores. Nesse ano calhou ao Prof. Söhngen, que sugeriu a Ratzinger o tema: "Povo e casa de Deus no ensino de Santo Agostinho sobre a Igreja".

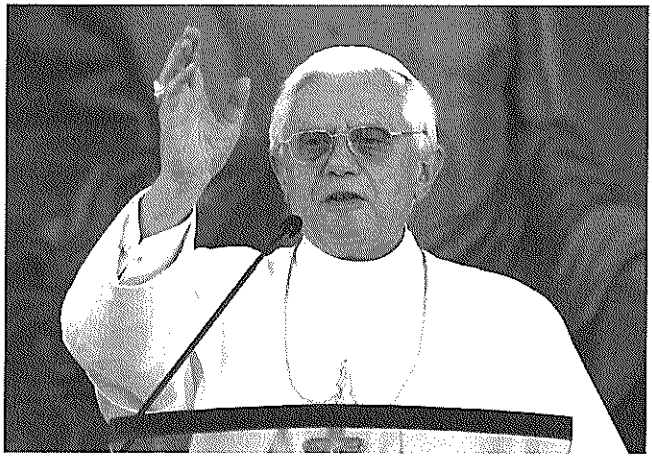
Entretanto, acontece algo de muito importante na vida de Joseph Ratzinger: a ordenação sacerdotal, que recebeu das mãos do cardeal Faulhaber, na festa de São Pedro e São Paulo, no ano de 1951. Foi nomeado coadjutor na paróquia do Preciosíssimo Sangue, em Munique. Foi de seguida, em 1952, para o Seminário de Frisinga, onde acabou a sua tese e onde se preparou para o difícil[4] exame de Doutoramento, tendo-se tornado doutor em Teologia em 1953.

---

[3] Cf. RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 59.

[4] "Éramos examinados em oito disciplinas, mediante um colóquio oral de uma hora e um exame escrito para cada uma delas; no fim, realizava-se um debate público, para o qual era necessário preparar algumas teses escolhidas das várias disciplinas teológicas". In RATZINGER, J., *A minha vida*, p.64.

Era então necessário começar a trabalhar para a tese da livre docência, de novo sob as orientações de Gottlieb Söhngen. Desta vez, já que a primeira tese tinha sido sobre um tema patrístico, a segunda podia ser sobre um tema medieval, e Joseph Ratzinger passou de Santo Agostinho a São Boaventura. E uma vez que tinha tratado de eclesiologia no primeiro, pareceu-lhe que o tema mais pertinente para a segunda tese seria a Revelação e o seu conceito, entendida não tanto como comunicação de verdades, mas como o agir histórico de Deus, no qual a Verdade se vai revelando gradualmente. Ratzinger propunha-se investigar se havia em São Boaventura algum conceito de Revelação similar a este[5].



No fim do verão de 1955 o manuscrito estava pronto e, depois de várias peripécias académicas e algumas correcções, foi finalmente aceite, em 11 de Fevereiro de 1957, a tese de habilitação de Ratzinger intitulada *A Teologia da História em São Boaventura*, tendo ele dado a primeira lição pública a 21 de Fevereiro[6].

---

[5] Cf. RATZINGER, J., *A minha vida* p. 66.

[6] Cf. RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 72

Depois desta primeira etapa, continuou Ratzinger o seu trabalho em Frisinga. Foi pouco tempo depois nomeado livre docente da universidade de Munique, e no dia 1 de Janeiro de 1958 foi nomeado professor de Teologia Fundamental e Dogmática no seminário Filosófico-teológico de Frisinga. Mas pouco tempo lá esteve. No verão de 1958, é convidado para leccionar Teologia Fundamental em Bona, cargo que aceita em Abril de 1959. Em 1963, vai leccionar teologia dogmática para Münster. Entretanto tinha começado o Concílio Vaticano II.

O teólogo no Concílio e no tempo posterior

A participação de Joseph Ratzinger no Concilio Vaticano II ficou a dever-se ao Cardeal Frings, arcebispo de Colónia, que o levou como consultor teológico para o Concílio, aberto em 1962, tendo ficado logo a seguir à primeira sessão como teólogo do Concílio (perito). Mas já antes Ratzinger tinha colaborado com o Cardeal Frings, analisando os esquemas preparatórios (*Schemata*), enviados aos Bispos e propondo melhorias e alterações

Da importância e da riqueza do Concílio Vaticano II ninguém pode duvidar, nem Ratzinger alguma vez duvidou, embora alguns comentadores tenham tentado passar essa imagem (até aos dias de hoje). Porém, a instabilidade eclesial que se vivia durante o Concílio, associada a uma certa pretensão de "democratização" da Igreja, era uma das questões que atormentava Ratzinger. Como ele próprio afirma: "Sempre que regressava de Roma encontrava na Igreja e entre os teólogos um estado de espírito cada vez mais agitado. Aumentava a impressão de que na Igreja não havia nada de estável, que tudo podia ser objecto de revisão. Cada vez mais o Concílio

parecia assemelhar-se a um enorme parlamento eclesial, que podia mudar e revolucionar todas as coisas. Sobremaneira evidente era o aumento do ressentimento para com Roma e a Cúria, que pareciam ser o verdadeiro inimigo da novidade e do progresso. As discussões conciliares eram cada vez mais apresentadas segundo o esquema partidário típico do parlamentarismo moderno"[7].

Por estas razões, Ratzinger sempre defendeu, nos anos que se seguiram ao Concílio, que «uma reforma real da Igreja pressupõe um inequívoco abandono dos caminhos errados cujas consequências catastróficas já não podem ser negadas»[8]. É o próprio que recorda que o Cardeal Döpfner se admirou com os «traços conservadores» que lhe pareceu captar"[9] no jovem teólogo aquando duma conferência que este proferiu em Bamberga, em 1966, sobre o verdadeiro e o falso renovamento da Igreja.

Como diz Vittorio Messori, "não são, portanto, o Vaticano II e os seus documentos que criam problemas (quase não há necessidade de recordar isto). Para muitos, na realidade, e Joseph Ratzinger está entre eles há muito tempo, o problema é constituído por interpretações de tais documentos que teriam levado a certos frutos da época conciliar"[10], que de nenhuma maneira se podem atribuir ao Concílio por contradizerem radicalmente a letra e o espírito dos Padres Conciliares[11].

---

[7] RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 93.

[8] RATZINGER, J. In MESSORI, V., *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 1985, p. 24.

[9] RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 95.

[10] MESSORI, V., *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 1985, p. 23.

[11] Cf. MESSORI, V., *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 1985, p. 24.

Em entrevista a Vittorio Messori, vinte anos após o Concílio, Ratzinger diz a todos os católicos que queiram permanecer católicos, que o caminho não é certamente um «meia volta, volver», mas sim um "voltar aos textos autênticos do Vaticano II autêntico"[12].

No pensamento teológico de Joseph Ratzinger "defender hoje a Tradição verdadeira da Igreja significa defender o Concílio. É também culpa nossa se alguma vez demos pretexto (tanto à 'direita' como à 'esquerda') para pensar que o Vaticano II tenha sido uma 'ruptura', uma fractura, um abandono da Tradição. Existe, pelo contrário, uma continuidade que não permite nem retorno para trás nem fugas para adiante; nem nostalgias anacrónicas nem impaciências injustificadas. É ao *hoje* da Igreja que devemos permanecer fiéis, não ao *ontem* nem ao *amanhã*: e esse hoje da Igreja são os documentos do Vaticano II em sua autenticidade. Sem *reservas* que os amputem. E sem *arbítrios* que os desfigurem"[13].

Entretanto o Padre Joseph Ratzinger continua a sua digressão académica, e em 1966 deixa Munique e vai ensinar para Tubinga, por insistente convite de Hans Küng.

Em 1967, Ratzinger decidiu dar forma a um projecto que já há algum tempo estava a amadurecer. Este projecto foi o livro *Introdução ao Cristianismo*. Para o realizar Ratzinger consolidou os conteúdos da cadeira de Introdução ao Cristianismo, que leccionava para os alunos de todas as Faculdades.

---

12 Cf. MESSORI, V., *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 1985, p. 25.

13 RATZINGER, J. In MESSORI, V., *Diálogos sobre a fé*, Editorial Verbo, Lisboa, 1985, p. 25.

Em 1969, aceitou ir para a Universidade de Ratisbona ensinar Dogmática. Nesta altura surgiu também o convite do Papa Paulo VI para integrar a Pontifícia Comissão Teológica Internacional, organismo criado pela Santa Sé para dar continuidade ao trabalho dos teólogos que o Concílio reconheceu. Foi na Comissão Teológica Internacional que Ratzinger tomou contacto mais profundo com dois pensadores que muito o marcaram: Balthasar e Lubac.

Os anos de Ratisbona representaram para Ratzinger "um período de trabalho teológico muito intenso"[14]. Diz ele: "a sensação de estar a construir cada vez mais claramente uma visão teológica pessoal foi a mais bela experiência dos anos de Ratisbona"[15].

O episcopado: "Colaboradores da Verdade"

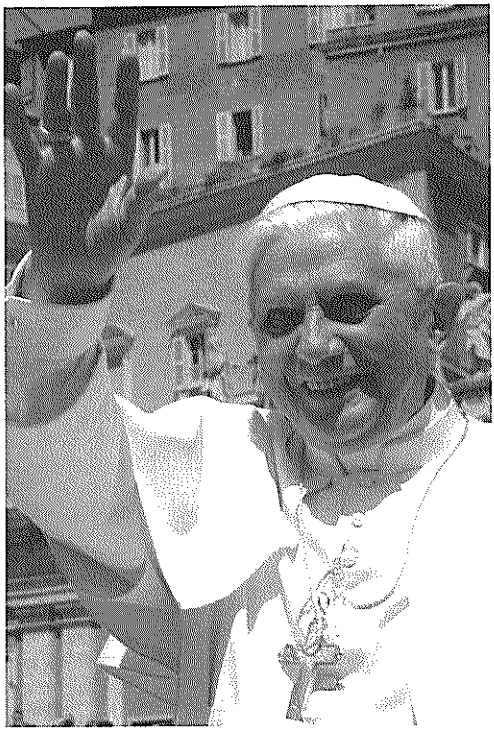
Em 1977 Ratzinger foi nomeado arcebispo de Munique e Frisinga. Aceitar foi uma decisão difícil. Como diz Santo Agostinho, de que Ratzinger tanto gosta: "ser bispo é mais para temer que para querer!". Mas aceitou e foi ordenado bispo na Catedral de Munique nas Vésperas de Pentecostes de 1977. No Consistório desse mesmo ano, em Junho, Paulo VI criou-o Cardeal, com o título presbiteral de "Santa Maria da Consolação no Tiburtino".

Como lema episcopal escolheu uma expressão do versículo 8 da terceira Carta de São João - "colaboradores da Verdade" - porque, diz ele, "me parecia que tais palavras representavam bem a continuidade entre as minhas anteriores funções e este novo cargo; apesar de todas as diferenças, tratava-se

[14] RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 108.

[15] RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 110.

e trata-se sempre da mesma coisa, seguir a verdade, pôr-se ao seu serviço"[16].



No brasão dos arcebispos de Frisinga aparece, segundo uma tradição milenar, um urso carregando um livro, numa alusão à lenda de São Corbiniano[17]. Também no brasão episcopal de Ratzinger ele aparece. "O que poderia narrar de melhor e mais detalhado acerca dos meus anos como bispo? Diz a lenda que São Corbiniano, assim que chegou a Roma, libertou o urso. (...). Entretanto, eu levei a minha bagagem para Roma e já há vários anos que caminho com o meu fardo pelas ruas da Cidade Eterna. Quando serei libertado não sei, sei apenas que para mim também é válido quanto segue: «Tornei-me para Ti como um animal de carga e é assim que estou em tudo e para sempre perto de Ti»"[18].

De facto, em Novembro de 1981, foi chamado por João Paulo II para Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e presidente da Pontifícia

---

16 RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 112.

17 A caminho de Roma um urso atacou o cavalo onde o Santo se deslocava. Como castigo, o Santo obrigou o urso a transportar até Roma o que o cavalo transportara até ali. Cf. RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 113.

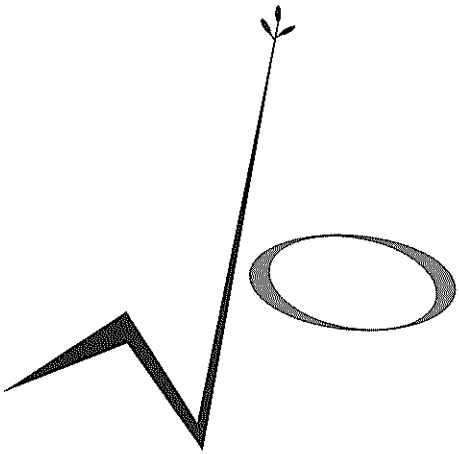
18 RATZINGER, J., *A minha vida*, p. 114.

Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. Renunciou por isso à Cátedra Episcopal de Munique e Frisinga em Fevereiro de 1982.

Ao longo do tempo colaborou em inúmeros dicastérios romanos e foi Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, a qual, após seis anos de trabalho (1986-1992), apresentou ao Santo Padre o novo Catecismo.

Por fim, e talvez pensando que chegara a hora de ser dispensado de Roma, tal como o urso de São Corbiniano, nova missão lhe foi pedida, e precisamente na Cidade Eterna: foi eleito Bispo de Roma a 19 de Abril de 2005, tomando o nome de Bento XVI.





SACERDÓCIO BAPTISMAL E SACERDÓCIO MINISTERIAL

D. Joaquim Mendes
Bispo Auxiliar de Lisboa

A relação entre sacerdócio baptismal e sacerdócio ministerial foi amplamente tratada, discutida e definida no Concílio Vaticano II e posteriormente aprofundada, nomeadamente na Exortação Apostólica "Cristifideles Laici" (30 de Dezembro de 1988). A perspectiva que me coloco não é tanto do ponto de vista teológico, doutrinal, mas sobretudo reflexiva e experiencial, conforme me foi sugerido, «como o vemos e praticamos».

Olhando a realidade da Igreja, das nossas comunidades, verificamos que o conceito de «sacerdócio baptismal» ou «sacerdócio comum» não é

frequente na linguagem dos nossos cristãos, nem suficientemente compreendido e muito menos está assimilado. O termo «sacerdócio» vai normalmente referido ao ministro ordenado, ao padre e ao culto.

Contudo, se teoricamente é assim, verificamos que, na prática, uma boa parte dos nossos fiéis exercita o seu sacerdócio baptismal. Basta olhar atentamente para tantas pessoas simples que quotidianamente vivem a vida como dom de si aos outros generosa e desinteressadamente; que enfrentam as dificuldades e a dureza da vida com coragem e paciência; que sabem estar ao lado dos outros de forma generosa, humilde e simples. Pessoas capazes de estabelecer com espontaneidade, a relação entre o mistério da sua vida e a do Senhor; que vivem com um sentido profundo de Deus e que O têm como referência na sua acção quotidiana; que facilmente passam do empenho à oração, da atenção à realidade à atenção a Deus na oferta da vida, na gratidão e no louvor.

São muitos os cristãos que vivem a sua vocação cristã com intensidade e simplicidade, que exercitam o seu sacerdócio baptismal, como membros vivos da Igreja Povo sacerdotal, embora não tenham a consciência de que o que vivem e fazem é um verdadeiro sacerdócio.

João Paulo II, na Cristifideles Laici, descreve esta realidade como «um cenário maravilhoso, se abre aos olhos iluminados da fé: o de inúmeros fiéis leigos, homens e mulheres, que precisamente na vida e nas ocupações do dia-a-dia, muitas vezes despercebidos ou até incompreendidos e ignorados pelos grandes da terra mas vistos com amor pelo Pai, são obreiros incansáveis que trabalham na vinha do Senhor, são artifícies humildes e grandes – certamente pelo poder da graça de Deus – do crescimento do Reino de Deus na história» (n.º 17).

O exercício do sacerdócio baptismal deriva da incorporação do cristão em Cristo pelo Baptismo.

«Incorporados em Cristo»

Esta expressão da Lumen Gentium não é muito comum entre os cristãos, mesmo entre os mais familiarizados com a cultura eclesial, contudo é uma expressão chave para a compreensão do sacerdócio baptismal. É um modo de dizer que aqueles que receberam o Baptismo foram introduzidos na comunhão com o Senhor Jesus e no dinamismo da sua Páscoa, constituindo uma só coisa com Ele.

No centro da vida daqueles que foram incorporados a Cristo pelo Baptismo e constituem o Povo de Deus está a relação pessoal com o Senhor, a comunhão de vida e de amor com Ele e com o seu Mistério.

No centro da fé de cada membro do Povo de Deus está a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo Ressuscitado, o Vivente, que comunica a sua própria vida, o alimenta com a sua Palavra e com o Seu Corpo e Sangue, e o constitui como Povo Sacerdotal, que se manifesta na fraternidade cristã, na compaixão. na solidariedade e na comunhão fraterna: «Os fiéis leigos, como todos os outros membros da Igreja, são vides radicadas em Cristo, a verdadeira videira que torna as vides vivas e vivificantes» (ChL n. 9)

Viver o sacerdócio baptismal é ter consciência deste estar incorporado em Cristo, de ser nova criatura, como refere S. Paulo: «se alguém está em Cristo, é uma nova criação» (2 Cor 5,17). Na relação com o Senhor, o cristão encontra o sentido e a força da sua existência e aprende um novo modo de

olhar a vida. No mistério do permanecer em Cristo, do ser nova criatura, o baptizado descobre o Evangelho como caminho de vida e de liberdade, e apropria-se dos seus critérios para ver e julgar a realidade e intervir na sua transformação.

Como nova criatura, enraizado em Cristo e participando da sua mesma vida e do seu amor, o cristão vive com alegria o seu sacerdócio na sua vida familiar e social, na relação com os amigos e com os vizinhos de casa, na vida profissional e política, apreciando tudo o que é bom e rejeitando tudo aquilo que é mal e dá sentido às experiências difíceis que marcam a existência, como a doença, o sofrimento, o limite, a solidão e a morte. Como S. Paulo, embora livre em relação a todos, faz-se servo de todos, (Cf 1 Cor 9,19), a exemplo de Cristo, para «ganhar» para Ele aqueles que se cruzam na estrada da sua vida.

Os cristãos exercitam o sacerdócio baptismal sobretudo na vida quotidiana, em comunhão com todos os outros, assumindo sua condição de leigos cristãos no mundo, através de uma verdadeira cidadania evangélica, comprometidos com todos os homens e mulheres de boa vontade na busca do bem comum, na paixão pela justiça, pela solidariedade e pela paz, ao mesmo tempo que participam da vocação missionária de toda a comunidade cristã, da missão de anunciar o Evangelho até «aos confins da terra», a começar na própria família e se estende ao mundo das relações, do trabalho, da sociedade e da política. Na realidade quotidiana, tornam presente a Igreja de que são membros, fazendo-a participar das alegrias, das esperanças, das tristezas e das angústias dos homens, sobretudo dos pobres e dos aflitos, fazendo-as suas, tornando-a solidária com o género humano e com a história (Cf GS 1).

O espaço onde vive o baptizado é o mundo. Como refere a "Carta a Diogneto", os cristãos não se diferenciam dos outros homens nem pelo território, nem pela língua, nem pelo modo de vestir; não habitam em cidades próprias e a vida que levam não tem nada de estranho, mas é comum aos demais. Esta descrição é sugestiva e oportuna, porque lembra aos cristãos que o lugar em que se vive a própria experiência de fé é o mundo e, para além de uma simples constatação, é um convite a ver o mundo como dom e como responsabilidade, como campo de missão.

Dizer «mundo» é o mesmo que dizer a vida, intensidade, as belezas, as fadigas, as esperanças, os dramas próprios e dos outros. Trata-se de um mundo «casa comum» de todos, sem confins, em que se vive a universalidade que provém de todos serem filhos de Deus, e se sente a responsabilidade de cuidar da Criação que Deus entregou a todos, como dom.

A Igreja, Povo sacerdotal

Os cristãos que vivem a sua incorporação em Cristo formam o Povo sacerdotal. Através do Baptismo, os fiéis entram no dinamismo pascal do dom de si para se tornarem em Cristo, através do seu Espírito, um povo inteiramente sacerdotal. Como Povo de Deus e Corpo de Cristo a Igreja é constituída por graça em sacerdócio santo sobre o fundamento de Cristo e animada pelo Espírito. Através da Sua Encarnação, o Filho reinscreve a humanidade na lógica do dom: a humanidade é recriada, reconciliada consigo mesma e com Deus, restabelecida na nova Aliança.

Em virtude do Baptismo podemos dizer que cada cristão, de certo modo, representa Cristo. Cada baptizado é revestido de Cristo, vive em

Cristo e Cristo vive nele. Cada cristão, por conseguinte, pode e deve testemunhar e tornar presente, em palavras e obras, Cristo diante de todos.

A consideração do sacerdócio baptismal e do sacerdócio comum não deveria partir primariamente da divisão «clero-laicado», mas da consideração da Igreja no seu conjunto. Na Sagrada Escritura não encontramos a expressão «sacerdócio baptismal» ou «sacerdócio comum», mas, sim, a de «Povo sacerdotal», para definir a Igreja, como comunidade dos baptizados e, nela, a função deste Povo sacerdotal.

O Apóstolo S. Pedro, na sua Primeira Carta, exorta os cristãos a aproximarem-se de Cristo «pedra angular», «pedra viva rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus» (1Ped 2,4) e a entrarem também eles como «pedras vivas» nesta construção, deixando-se edificar como «templo espiritual», «em função de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo», dizendo-lhes: «Vós sois linhagem escolhida, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido em propriedade, a fim de proclamardes as maravilhas daquele que vos chamou das trevas para a sua admirável luz» (1Ped 2,5-10).

Analogamente, no Livro do Apocalipse lemos: «Àquele que nos ama e nos purificou dos nossos pecados com o seu sangue e fez de nós um reino de sacerdotes para Deus e seu Pai; a Ele seja dada glória e poder pelos séculos dos séculos. Amen!» (Ap 1,6); e ainda «Cristo resgatou para Deus, com o seu sangue, homens de todas as tribos, línguas, povos e nações», fazendo deles «um reino de sacerdotes» (5,10).

O Concílio Vaticano II, em vários documentos na (LG 9-11; SC 14,48; AA 3; PO 3; AG 15), mas muito particularmente na Constituição Dogmática

sobre a Igreja (Lumen Gentium) remetendo-se à Primeira Carta de S. Pedro atrás citada, fala longamente do «sacerdócio comum» referindo-se aos cristãos baptizados e à sua participação na Igreja, como participação no único sacerdócio de Cristo: «Por haverem sido incorporados em Cristo pelo Baptismo e constituídos Povo de Deus, e por participarem a seu modo no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo – realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhe compete, a missão de todo o povo cristão» (LG 31). E porque o Povo de Deus é um Povo Sacerdotal, alguns são escolhidos pelo Senhor para o sacerdócio ministerial. Sem este ministério os baptizados não se tornariam o povo Sacerdotal que vive em várias comunidades. Na variedade dos carismas que constituem a Igreja, o ministério ordenado é o garante e sinal da apostolicidade de toda a Igreja.

A doutrina conciliar situa o ministério ordenado no centro e ao serviço do Povo de Deus que confessa a fé apostólica, na figura do Bispo, pastor da diocese, que recebeu a "plenitude do sacramento da Ordem" (Cf LG 21). O seu magistério de «presidência» é garantia da autenticidade da fé através da sucessão apostólica e como representação ou presença simbólico-sacramental de Cristo Cabeça da Igreja, conforme escreve W. Kasper: "Com o ministério se serve cada fiel e a igreja inteira «representando» o serviço que o próprio Jesus Cristo presta à sua Igreja na qualidade de Cabeça, vivificando-a, guiando-a, ordenando-a, unificando-a, mantendo-a coesa. O ministério eclesial é «reprentatio Christi» não somente em sentido geral: é «representatio Christi capitis Ecclesiae" *(KASPER, "Teologia e Chiesa 2", Queriana, Brescia 2001, p. 143).*

A INTER-RELAÇÃO ENTRE SACERDÓCIO BAPTISMAL E SACERDÓCIO MINISTERIAL

O Papa João Paulo II, na "Christifideles Laici" n.º 20, recorda que a comunhão eclesial se configura como comunhão «orgânica», semelhante a um corpo vivo e operante. Isto quer dizer que é uma comunhão caracterizada, ao mesmo tempo, pela diversidade e complementaridade de vocações, de ministérios, carismas e funções.

A Igreja é uma «comunidade sacerdotal organicamente estruturada» mediante o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial. O sacerdócio comum não pode ser confundido com o sacerdócio ministerial, mas tem nele as suas raízes. O Concílio Vaticano II di-lo claramente: "O sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico são diferentes um do outro na sua essência, e não apenas em grau; mas ordenam-se um ao outro; com efeito um e outro do sacerdócio único de Cristo, cada um segundo o seu modo peculiar" (LG 10).

Trata-se de uma experiência de comunhão, que caracteriza as relações entre os diversos membros do Povo de Deus. Fiéis leigos e presbíteros vivem o seu sacerdócio, segundo a sua própria vocação, na reciprocidade, na interdependência, na confiança mútua e na abertura de uns aos outros.

A "Christifideles Laici" sublinha a necessidade deste reconhecimento quer por parte dos presbíteros que por parte dos fiéis leigos: «A fim de assegurar uma participação no sacerdócio de Jesus Cristo que se diferencia, não só em grau mas também em essência, da participação dada no Baptismo a todos os fiéis, os pastores devem reconhecer que o seu ministério é radicado e ordenado para o serviço de todo o Povo de Deus (Heb 5,1), e os fiéis leigos,

pela sua parte, devem reconhecer o sacerdócio ministerial é absolutamente necessário para a sua vida e para a sua participação na missão da Igreja» " (n. 22). O Igreja não é só sujeito passivo, mas também sujeito activo da vida sacerdotal e, nela, sacerdócio comum e sacerdócio ministerial não se contrapõem, mas complementam-se reciprocamente.

Fiéis leigos e presbíteros são chamados a viver a riqueza da comunhão na mesma relação com Cristo, sobre a graça do Baptismo e do Crisma, sobre a pertença à mesma Igreja, sobre a participação na mesma missão, e sobre o chamamento à mesma caridade. Mas enquanto a vocação laical é centrada sobre a santificação baptismal, a vocação presbiteral, embora incluindo-a, transcende-a. O presbítero é configurado com Cristo para agir «in persona Christi», como pastor do Povo e apóstolo para o mundo. Configurado a Cristo-Servo, é servidor da Igreja e da santidade dos seus membros e da salvação universal.

Esta reciprocidade torna-se evidente na santidade. O ministério sacerdotal é ordenado não só à santidade dos leigos, mas de toda a Igreja. A santidade dos leigos constitui a forma ordinária da vida da Igreja. A grandeza e a beleza da vocação baptismal são sustentadas e alimentadas pela santidade ministerial. O presbítero é chamado a ser modelo do rebanho (Cf 1Ped 5,3) no âmbito da santidade e da caridade.

Na situação actual, perante a diminuição do número de sacerdotes e o aumento das solicitações e dos desafios pastorais e perante comunidades cristãs de grandes dimensões, torna-se necessária uma concentração das actividades do ministério ordenado sobre o seu núcleo essencial. Trata-se do abandono do modelo de um padre gestor, para a afirmação de um outro

modelo, o do padre evangelizador, mestre, pai espiritual da comunidade, «mestre de vida», guia da comunidade na leitura evangélica dos «sinais dos tempos», capaz de ajudar a ler a realidade à luz da fé e do Evangelho e de propor à comunidade, com clareza, os imperativos evangélicos e a relação entre a vida e a fé, animando e iluminando e discernindo os caminhos a percorrer e o modo de agir e reagir perante a cultura actual. Ao mesmo tempo, este modelo libertaria espaços para uma efectiva valorização dos carismas de que o povo de Deus é dotado e ao seu exercício, no âmbito da comunidade e da sua missão no mundo.

A Igreja tem necessidade de redescobrir e realizar com maior decisão e liberdade a grande tradição da «sinodalidade», isto é, daquele «caminhar juntos» que permite enfrentar os vastos e múltiplos desafios da missão, assumindo cada um a responsabilidade própria dos seus carismas e convergindo todos na escuta da única Palavra que regenera e salva.

Conclusão

Na Exortação Apostólica "Christifideles Laici", João Paulo II descreve o quadro do caminho pós-conciliar realizado. Diz: "De olhos postos no pós-Concílio, os Padres sinodais puderam constatar como o Espírito tem continuado a rejuvenescer a Igreja, suscitando novas energias de santidade e de participação em tantos fiéis leigos", apontando como exemplo " o novo estilo de colaboração entre sacerdotes, religiosos e fiéis; a participação activa na liturgia, no anúncio da Palavra de Deus e da catequese; a multiplicidade de serviços e de tarefas confiadas aos fiéis leigos e por eles assumidas; o radioso florescimento de grupos, associações e movimentos de espiritualidade e de

empenhamento laicais; a participação cada vez maior e mais significativa das mulheres na vida da Igreja, e no progresso da sociedade". E prossegue dizendo: "Ao mesmo tempo, o Sínodo referiu que o caminho pós-concliar dos fiéis leigos não tem estado isento de dificuldades e de perigos. Em especial podem recordar-se duas tentações, de que nem sempre souberam desviar-se: a tentação de mostrar exclusivo interesse pelos serviços e tarefas eclesiais, de forma a chegarem frequentemente a uma prática abdicação das suas responsabilidades no mundo profissional, social, económico, cultural e político; e a tentação de legitimar a indevida separação entre a fé e a vida, entre a aceitação do Evangelho e a acção concreta nas mais variadas realidades temporais e terrenas" (n. 2).

Creio que na vida eclesial, nomeadamente nas nossas comunidades paroquiais, os leigos ainda não adquiriram a plena consciência da sua vocação e missão na Igreja e no mundo. Constatamos que a consciência vocacional da sua «índole secular» é ainda muito débil. A vocação dos fiéis leigos está muito fixada na dimensão pastoral e pouco valorizada na sua dimensão secular.

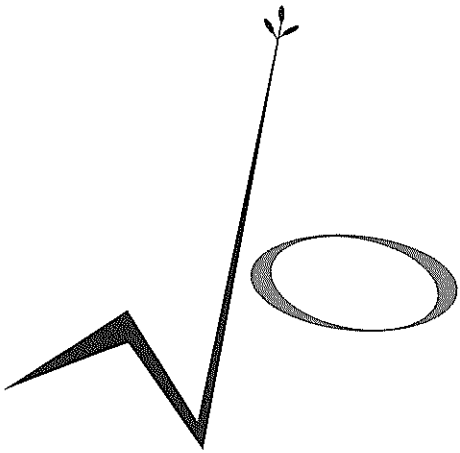
Uma outra constatação é a de que a presença eclesial dos fiéis leigos é demasiado «executiva». Fazem muitas coisas, levam por diante muitas actividades, mas o envolvimento, a corresponsabilidade, a participação efectiva na programação, execução, avaliação e sentido de experiência eclesial conjunta ainda não são as desejáveis.

A valorização dos leigos não é uma questão de categoria, é uma questão de Igreja. Por isso, a comunidade cristã deve interrogar-se sobre o modo como dar vida a verdadeiras experiências de corresponsabilidade, de formação de fiéis leigos adultos e maduros na fé, capazes de levar o perfume

do Evangelho ao contexto ordinário da vida, e de como suscitar experiências de efectiva corresponsabilidade. Para isso, as comunidades cristãs devem abrir-se aos problemas do tempo, ao mundo e aos seus desafios, como a promoção da vida, a dignidade de cada pessoa humana, o valor da família fundada no matrimónio entre um homem e uma mulher, ao diálogo entre as religiões e a cultura. A abertura da Igreja ao mundo levará necessariamente a um maior envolvimento dos fiéis leigos, à descoberta da grandeza e amplitude da sua vocação e ao empenho em realizá-la.

Há necessidade de promover uma fraterna comunhão entre presbíteros e leigos, que não dissolva as diferenças, mas as valorize e integre na riqueza da complementaridade: um estilo de vida comunitário em que a dimensão amiga e fraterna entre presbíteros e leigos tenha uma expressão coerente, donde derivará um sentido mais vivo da corresponsabilidade de todos na vida e na missão da Igreja.

A Igreja como Povo Sacerdotal, como «comunhão orgânica» precisa de se sentir verdadeiramente «Corpo», comunidade, em que todos os membros são corresponsáveis, chamados a dar o seu contributo com a sua participação visível e invisível. Os pastores são chamados a promover esta fecundidade comunitária no diálogo, na oração, na comunhão e na acção, procurando que cada um ponha ao serviço dos outros os dons que recebeu, como recomenda o apóstolo S. Pedro: "Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu" (1Ped 4,10).



O PADRE DIOCESANO NO PENSAMENTO DO CARDEAL RIBEIRO

Padre José Miguel Pereira

O presente texto apenas configura uma tentativa de enunciar alguns dos traços essenciais do sacerdócio ministerial, apresentados na pregação que o Cardeal Ribeiro fez nas homilias na missa crismal e nas ordenações presbiterais. Não pretende sintetizar todo o ensino aí feito por D. António Ribeiro sobre o assunto. A propósito do ano sacerdotal que estamos a viver, antes pretende despertar para a leitura e aprofundamento daquele ensino, à disposição na edição que a Universidade Católica trouxe a público[1].

[1] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas, Imagens vivas de Cristo Pastor: o ministério ordenado na Igreja*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008.

Imagens vivas de Cristo Pastor

Jesus Cristo, Sumo Sacerdote.

O primeiro traço essencial que importa enunciar é aquele que nos apresenta o sacerdócio ministerial como presença sacramental do sacerdócio único de Jesus Cristo. De facto, Jesus veio substituir, superando-o, o sacerdócio da Antiga Aliança. Ele inaugurou um novo e eterno sacerdócio, diante do qual cessam todos os anteriores, já que dele eram apenas figura e anúncio incompletos. Agora, em Jesus Cristo *"temos um grande Sumo Sacerdote que, com a sua encarnação, morte e ressurreição, rasgou os céus e trouxe à terra o esplendor da misericórdia do Pai. (...) Temos um Sacerdote perfeito, (...) que assumiu sobre si as nossas faltas para as cravar na cruz redentora. Temos um Sacerdote compassivo, (...) imolado por nós e para nossa salvação. Temos um Sacerdote que, ressuscitado de entre os mortos, venceu definitivamente a morte e nos restituiu à vida eterna. Temos, enfim, um Sacerdote que é o trono perene da graça, erguido entre Deus e os homens, ao qual confiadamente podemos recorrer..."*[2].

O Povo Sacerdotal dos baptizados.

Deste sacerdócio participam todos os que receberam o baptismo, pelo qual foram capacitados para oferecer a sua vida, escondida na de Cristo, *"como hóstia santa de louvor ao Pai"* e para se tornarem anunciadores da mensagem do Senhor, *"por obras e palavras, em toda a parte"*[3]. Todos os fiéis, segundo o dom do

[2] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 302.

[3] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 303.

Espírito que receberam, são chamados a edificar o corpo eclesial de Cristo e "*«concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real, que eles exercem na recepção dos sacramentos, na oração e na acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade operosa» (LG 10)*"[4].

Sacerdotes em Cristo e por Cristo.

É no seio deste povo sacerdotal que surge um ministério específico em favor do mesmo povo. A fim de alimentar continuamente esta identidade e missão sacerdotal do corpo eclesial, bem como de lhe oferecer permanentemente os bens da graça e da salvação em favor da Igreja e do mundo, o Senhor chama e consagra alguns a quem confere uma graça sacerdotal diferente para serem pastores à imagem do Bom Pastor. Estes, "*porventura mais débeis, mais fracos e menos santos do que outros, trazem em si a representação viva de Cristo, Cabeça do seu Povo sacerdotal...*"[5]. Não se trata de uma mera função a exercer por determinados baptizados, em razão das suas capacidades, que a pouco e pouco possa vir a ser assumida por outros igualmente preparados para o fazer. O sacerdote ordenado é outra coisa. Recebe de Deus um dinamismo do Espírito, por meio de um sacramento específico que lhe confere uma graça de estado própria: por meio dele é revestido da caridade pastoral de Cristo, que é o amor trinitário, sendo ligado à Igreja como o esposo se liga à esposa[6]. Na realidade, trata-se de uma união profunda a Cristo por meio da unção do Espírito, que faz o padre participar

---

[4] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 247.

[5] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 245.

[6] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 245.

realmente do mistério da pessoa de Jesus, Esposo da Igreja. Essa identificação é de tal ordem, que no exercício do ministério sacerdotal, em todas as dimensões evangélico-pastorais, sobremaneira nas acções sacramentais, é Cristo quem opera no e pelo sacerdote. Neste, é o Senhor quem anuncia o Evangelho, convoca e preside à Igreja, perdoa os pecados, realiza a Eucaristia. O padre não faz número com o Senhor: é sacerdote n'Ele e por Ele, e não ao lado d'Ele[7].

Segregados e não separados

Neste horizonte do sacerdócio ordenado como sacramento do sacerdócio único de Cristo no seio e em favor de um povo também ele sacerdotal, brotam três níveis de exigência para a vida e exercício do múnus sagrado dos que a ele são chamados.

O primeiro é um apelo a uma configuração de vida e acção com a do próprio Senhor Jesus, pela santidade pessoal procurada na íntima relação com Ele e na entrega da vida em favor dos irmãos. Consagrado ao Senhor e a Ele unido, o padre é *"figura de Cristo, sacerdote e cabeça da Igreja"*, é um *"homem segregado para o Evangelho"*. Esta consagração diferencia-o de todos os outros homens[8]. Não para o colocar num qualquer estrado acima dos demais cristãos... Mas para manifestar o Santo que no padre vem ao encontro dos homens para comunicar a santidade e a graça. Esta consagração traz, por isso, um forte apelo à santidade, a qual é "«*imitação de Cristo pobre, casto e humilde; é*

---

7 Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 273.

8 Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 91.

amor sem reserva às almas e entrega de si mesmo pelo seu bem; é amor à Igreja que é santa e nos quer santos...» (PDV 33)"[9].

O segundo nível de exigência acima enunciado é um apelo à comunhão profunda com todo o povo sacerdotal. A consagração recebida não faz dos sacerdotes uma tribo ou casta à parte. Eles não são mediadores entre Deus e os homens ainda que participem dessa mediação única do Senhor. Sendo padres em favor do povo, permanecem membros do mesmo povo dos baptizados. *"Segregados de entre os homens por dom particular do Céu, não estão separados deles, no desempenho fiel da missão recebida. Sabem-se enviados a todos, para suscitarem a fé no coração dos descrentes e a alimentarem no coração dos fiéis (cf. PO 4), para anunciarem a salvação que se realiza pelos sacramentos e formarem comunidades cristãs apostólicas, que levem ao mundo inteiro o espírito missionário da Igreja"*[10].

O terceiro nível de exigência decorre do segundo: conscientes do seu lugar único na edificação do corpo eclesial e na missão deste no mundo, os sacerdotes hão-de descobrir-se instrumentos de unidade e comunhão dos diferentes carismas e estados de vida na Igreja. O padre não absorve nem substitui os demais, antes os convoca e congrega. O padre não reúne em si todos os ministérios, antes promove o exercício de todos eles na unidade orgânica a que preside em nome do Senhor[11].

---

9 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 344.

10 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 92.

11 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 247.

O ministério ordenado na Igreja

Na continuidade do ministério apostólico

Este horizonte da comunhão eclesial não se esgota na dimensão sincrónica da congregação de todos os que vivem ou se reúnem num mesmo espaço ou comunidade. Estende-se também a essa dimensão diacrónica na qual uma comunidade, aqui e agora, está indissociavelmente ligada a todas as outras que lhe antecederam, desde os tempos apostólicos, e a todas quantas lhe sucederão. Por isso ao ministério ordenado, fermento da comunhão eclesial, foi conferida a graça da sucessão apostólica, garantida no grau do episcopado. Como cooperadores dos bispos, os padres participam dessa corrente que provem do próprio dom de Cristo desde as origens da Igreja; não são chamados a começar nada de novo nem a deixar a sua marca original; não são chamados a defender o seu modelo de Igreja nem a impor as suas experiências e perspectivas pessoais. Pelo contrário, são chamados a ser padres à maneira dos apóstolos[12]. Na realidade, "*ser padre é situar-se, de corpo inteiro, na continuidade do ministério dos apóstolos. E como Pedro, confessar que Jesus Cristo é o Messias, o Filho de Deus vivo, e receber d'Ele o encargo de ser pedra basilar do edifício da Igreja. É, como Paulo, descobrir o fulgor de Jesus Ressuscitado e, a partir daí, fazer-se tudo para todos, a fim de conquistar o maior número para a soberania do único Senhor e Mestre. (...) Trata-se, como é sabido, de uma adesão plena (...) Àquele que é caminho, verdade e vida para os homens de todas as gerações. Trata-se, em última análise, de amar Jesus mais do que os outros*"[13], na linha do que o Senhor revelou Pedro.

[12] Cf. MANARANCHE, André, *Padres à maneira dos Apóstolos*, União Gráfica (Coimbra).

[13] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág.292.

Esse amor maior deve ser, sobretudo, em modalidade: não se trata de ter mais quantidade de amor mas cultivar maior gratuidade e despojamento. É um amor assim que leva a superar os entendimentos pessoais para abraçar o ensino e as orientações pastorais do próprio Bispo, oferecidas na comunhão do Colégio dos Bispos presidido pelo Santo Padre. A fidelidade à natureza apostólica do ministério sacerdotal também se há-de verificar na atitude de quem já não vai por onde quer mas se deixa conduzir por onde o leva a missão apostólica (cf. Jo 21, 18). E aí, o primeiro nível de verificação, o que está mais próximo e mais observável, é a comunhão e obediência pastorais ao próprio Bispo, ao seu ensino e governo.

Unidade do presbitério na comunhão da Igreja.

Como vimos, esta índole apostólica do ministério do padre é de natureza teológica e não apenas temporal. A sua fonte não é os apóstolos mas o Senhor. É Ele quem chama e consagra aqueles que os sucessores dos apóstolos indicam para o exercício do ministério, hoje. Podemos falar de uma dupla manifestação da apostolicidade do padre: recebe e participa a seu modo da consagração e missão dada por Cristo aos apóstolos e seu sucessores; exerce o ministério na comunhão e cooperação com os sucessores dos apóstolos.

Importa agora reforçar que esta manifestação tem uma visibilidade expressiva nesse traço característico com que o Senhor dotou a missão apostólica: a unidade. Não se trata de uma estratégia para facilitar a acção pastoral. É um desejo do Senhor: "*A oração sacerdotal de Jesus Cristo pela unidade abrange, seguramente, todos os que se reclamam do nome cristão, mas visou, antes de*

outros, aqueles que ficaram no mundo com o encargo de O representarem no meio do seu povo, enquanto Cabeça e pastor da Igreja."[14] A unidade do presbitério apresenta-se, assim, como motor indispensável para a comunhão eclesial e para a evangelização. *"O mundo não acreditará, se não vir o sinal da comunhão no rosto da Igreja. As nossas múltiplas actividades pastorais ficarão sempre condenadas à ineficácia, se lhes faltar a seiva fecunda que provém da comunhão eclesial e se não puderem exibir a credencial da unidade, ou seja, a comunhão do presbitério."*[15] Como toda a missão apostólica também a comunhão presbiteral se funda na fonte divina: *"A comunhão (...) no interior de um presbitério diocesano tem a ver com o nível de profundidade espiritual a que nos situamos (...), é chamada a crescer continuamente até à mediada da plenitude de Cristo."*[16] Como toda a missão apostólica também a comunhão presbiteral se alimenta na caridade fraterna: *"Esta é uma fraternidade (...) que se alarga a todas as dimensões espirituais e materiais dos presbíteros e dos bispos, requer solicitude de uns pelos outros, implica partilha de bens e presta auxílio efectivo aos que experimentam dificuldades particulares."*[17]

O serviço do anúncio do Evangelho

Um outro traço essencial que importa assinalar é a missão evangelizadora. *"O serviço do Evangelho pertence a todos os membros da Igreja, mas*

---

[14] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 218.

[15] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 219.

[16] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 220.

[17] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 220.

cabe de modo particular àqueles que o Senhor configurou mais intimamente a Si, fazendo-os participantes do seu sacerdócio ministerial, pela unção do sacramento da Ordem. E estes, mais do que outros, têm o dever de formar evangelizadores..."[18] O trabalho do Evangelho aparece logo no chamamento inicial à missão apostólica, depois do "estar com Jesus" e antes do "expulsar os demónios" (cf. Mc 3, 14-15). Solidamente fortalecidos na intimidade com o Senhor, "*os ministros de Cristo recebem, de facto, uma importante missão a cumprir: Cabe-lhes anunciar o Evangelho aos homens de cada geração e expulsar os demónios que escravizam as consciências e dificultam a implantação do Reino de Deus no mundo. Anunciar o Evangelho significa dar testemunho, pela própria maneira de viver, da força salvadora da Palavra e da obra de Deus, manifestadas em Jesus Cristo. Significa distribuir, em nome de Cristo, a Palavra e a Vida divina a todos os homens. Significa alimentar o povo santo com a graça dos mistérios da fé e conduzi-lo pelos caminhos da santidade, até ao encontro definitivo com o Pai que está nos céus.*"[19]

A consciência, desde sempre, do lugar importante do anúncio evangélico está bem patente quando os apóstolos nomeiam os sete como seus colaboradores, para não faltarem "à oração e ao serviço da Palavra" (cf. Act 6, 2-5). Esta preponderância continua actual no nosso tempo: "*enquanto o Evangelho de Cristo não representar a seiva vital da cultura da sociedade, não se alcança o que mais conta na obra evangelizadora da Igreja. O resto, como aliás também afirma o Papa, é superficial e decorativo.*"[20]

---

[18] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 191

[19] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 267.

[20] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 213.

Por isso a nova evangelização, nova no ardor, nos métodos e na expressão, é uma prioridade do ministério sacerdotal.[21] E deve desenvolver-se a dois níveis. Um deles diz respeito à formação de evangelizadores, testemunhas apaixonadas pelo seguimento de Cristo, capazes da alegria de sofrer pelo Evangelho e animadas pelo dinamismo missionário, a ponto de serem fermento transformador: *"o serviço da evangelização do mundo (...) requer evangelizadores deste género, evangelizadores que, seguindo Jesus, provoquem fracturas numa civilização, como a nossa, escravizada à tirania dos critérios pagãos do ter mais, do gozar mais, do dominar sempre mais."*[22]

O outro diz respeito à transformação mesma da "massa humana" à luz da proposta evangélica, sendo que, *"no momento actual da vida do Patriarcado, quatro sectores devem ser privilegiados na acção evangelizadora da Igreja: o da família, o da juventude, o do trabalho e o da inteligência."*[23] Passados vinte e cinco anos do *"momento actual"* a que esta afirmação se reportava, os quatro sectores mantém a urgência evangelizadora. Mas de todos eles, talvez seja de realçar o da inteligência como estruturante para uma leitura da vida e da sociedade iluminada pela fé; e o da família por ser a célula-base da sociedade, e por isso sempre atacada pela cultura ateia e sempre necessitada de um maior cuidado pastoral: *"o Evangelho do matrimónio e da família constitui, seguramente, parte importante daquele anúncio para o qual o Senhor nos habilitou, quando nos ungiu com as diferentes graças e carismas do seu Espírito (...)*

---

[21] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 214-216.

[22] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 188-191.

[23] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 175.

«A pastoral familiar constitui, em certo sentido, a quinta-essência da actividade dos sacerdotes» (FC 2)."[24]

Ministros responsáveis da Eucaristia

O pólo central e unificador de toda a acção sacerdotal permanece a oferta do sacrifício eucarístico. Não se trata de reduzir o sacerdócio à dimensão cultual mas reconhecer que a celebração do mistério pascal, renovado em cada eucaristia, é a fonte e o alimento da vida e do ministério sacerdotais.[25] A eucaristia *"é a principal e central razão de ser do sacramento do Sacerdócio (...) Somos sacerdotes para a Eucaristia. Esta é, por assim dizer, a finalidade englobante do nosso ministério e todas as demais acções sagradas que realizamos, desde o anúncio do Evangelho até à condução do povo de Deus, ou preparam para a Eucaristia ou são coroa dela. (...) A Eucaristia constitui o acto mais importante do dia pastoral de um padre."*[26] Não se trata de multiplicar o número de missas a ponto de não fazer mais nada. Mas trata-se de perceber que a missa diária é a alma de toda a pastoral porque é a entrega pascal de Jesus Cristo a fecundar todo o ser e o agir do sacerdote.

Desta centralidade decorrem três cuidados pastorais que hão-de ser promovidos pelos que são os *"guardas qualificados do maior tesouro da Igreja"* que é a Eucaristia. O primeiro é uma sã formação litúrgica que eduque para a

---

24 RIBEIRO D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 237-242.

25 RIBEIRO. D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 137.

26 RIBEIRO. D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 137-138.

participação mais plena na celebração eucarística e leve ao reconhecimento da sua "dupla" sacralidade enquanto actualização do sacrifício de Cristo e presença real do Senhor Jesus, o Santo de Deus.

O segundo é a promoção da devoção e do culto eucarístico, mormente pela visita ao sacrário e a adoração, que leve a assimilar e amadurecer o mistério celebrado. Para ambos estes cuidados pastorais muito contribui a maneira de celebrar do sacerdote, na justa medida em que transpareça a *"profundidade sublime do mistério"* e *"este irradie a sua luz nos corações e nas consciências humanas"*.[27]

O terceiro cuidado pastoral é o ministério da conversão e da reconciliação. A celebração da Redenção operada por Cristo na Cruz há-de prolongar-se na oferta dessa mesma Redenção no sacramento da Penitência. *"A par da celebração da Eucaristia, a nossa actividade especificamente sacerdotal passa por aqui. Estamos ao serviço da reconciliação dos homens com Deus e de Deus com os homens. Estamos ao serviço da reconciliação do mundo inteiro. Ministério sublime é este! Cristo utiliza o nosso gesto e a nossa palavra, para dizer a todos os pecadores arrependidos: «vai em paz e não voltes a pecar» (Jo 8, 11)."*[28] Muito ganha em eficácia pastoral se este cuidado sacramental for unido a um efectivo cuidado das almas que passe pelo acompanhamento pessoal e pela orientação espiritual, que não ajude apenas a solucionar as situações de especial crise, mas leve a progredir na fé e nos caminhos do Espírito aqueles que a Ele se vão tornando permeáveis.

---

[27] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 138-139.

[28] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 160.

Espírito de pobreza e serviço dos pobres

Mais um traço essencial do ministério sacerdotal que importa referir é o espírito de pobreza que deve revestir o ser e o agir do padre.

A primeira motivação para uma pobreza voluntária assumida pelos sacerdotes é a configuração radical a Cristo, que por amor ao Pai e ao seu desígnio de salvação para os homens, *"não se valeu da sua igualdade com Deus, mas despojou-se a Si mesmo assumindo a condição de servo (...) e obedecendo até à morte e morte de Cruz"* (Fil 2, 6-8). Ser presença sacramental de Jesus, Filho entregue sem reservas sem nada guardar para si, é ser sinal vivo de que tudo recebemos do Pai e só n'Ele está a nossa vida.

A segunda motivação, que decorre da primeira, é assumir o mesmo estilo de vida pobre praticado por Jesus, e assim ser testemunha do primado do Reino de Deus (cf. Mt 6, 33).

A terceira motivação é ser sinal do que é ser discípulo, aquele que não tem outros apoios senão a própria união e seguimento de Cristo e para quem o tesouro maior está em Deus e não no mundo (cf. Mt 6, 19-21).[29]

Uma quarta motivação é o testemunho de fraternidade, tão próprio das comunidades que vivem do Ressuscitado, nas quais os seus membros têm tudo em comum, coração, alma e bens, fazendo da partilha uma expressão do amor de Cristo. Também o padre há-de fazer da partilha do pouco que tem, com os fiéis e com os irmãos padres, um sinal vivo da confiança, do despojamento e da fraternidade que levam à caridade.

---

29 Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 150-151.

A quinta motivação, com lugar primordial no coração de Jesus, é a predilecção pelos mais pobres, nas diferentes realidades de pobreza material, moral e espiritual que assolam os seres humanos. Anunciar a Boa Nova aos pobres é missão de Cristo, é missão dos sacerdotes.[30] Por tudo isto, a pobreza voluntária deve ser um dos traços visíveis do sacerdócio ministerial: "*os bens de que dispomos, provenham eles de herança familiar ou de qualquer outro título legítimo de posse, não hão-de nunca roubar-nos a liberdade do coração para amarmos a Deus e aos irmãos em dedicação plena. (...) Cultivem [os clérigos] um estilo de vida simples e abstenham[-se] de quanto possua ressaibos de vaidade; (...) os rendimentos do ofício eclesiástico não podem constituir fonte de património próprio, a não ser para com eles providenciarem à sua honesta sustentação e ao cumprimento dos deveres de estado, revertendo o restante em benefício da Igreja e das obras de caridade (cf. CIC cân. 282).*"[31]

A URGÊNCIA DE VOCAÇÕES SACERDOTAIS

Depois desta breve apresentação de alguns traços essenciais do ministério sacerdotal, não queremos terminar sem referir que o cuidado por novas vocações ao sacerdócio também é um elemento importante do próprio exercício do ministério. "*Garantir sacerdotes à Igreja, de modo a não faltarem pastores aos cristãos, «é tarefa (...) que pertence à própria missão sacerdotal» (PO 11). Não é assunto que respeite só a alguns padres, os especialistas da pastoral vocacional. É coisa que pertence a todos, porque inerente à missão sacerdotal. Nenhum padre cumpre a sua missão, se descura a promoção e o cultivo das vocações sacerdotais. Nenhum padre é completo, se não*

[30] Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 153.

[31] RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 227-228.

assume o trabalho vocacional, com entusiasmo e determinação."[32] Esse cuidado há-de mobilizar e contagiar todos os fiéis, pois é toda a diocese que tem que encontrar *"em si própria os meios de que necessita para alimentar e desenvolver a vida cristã do seu povo"*, sob pena de ser posto em causa o seu estatuto de igreja diocesana.[33]

Para animar este cuidado pelas vocações sacerdotais, há três meios privilegiados para o fazer. O primeiro é o testemunho autêntico e alegre de entrega e consagração sacerdotal.

O segundo é o ministério da oração, em favor das vocações sacerdotais, rezando e ensinando a rezar diariamente por esta intenção as famílias cristãs, as comunidades religiosas, os grupos de espiritualidade e apostolado. Esta súplica diária é condição necessária, segundo a indicação do Senhor. Temos que reconhecer que *"se faltam discípulos que assumam a missão, é porque não temos rezado convenientemente."*[34] À oração está unido o ministério da palavra, pregando oportuna e inoportunamente *"«a excelência e a necessidade do sacerdócio» (...) aos pais, aos catequistas, aos educadores e, muito especialmente aos jovens, em cujos corações Deus não cessa de lançar sementes de entrega generosa a ideias nobres, como o do sacerdócio católico."*[35] Não basta fazê-lo uma ou duas vezes por ano, nos dias dos seminários e da vocações.

---

32 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 207.

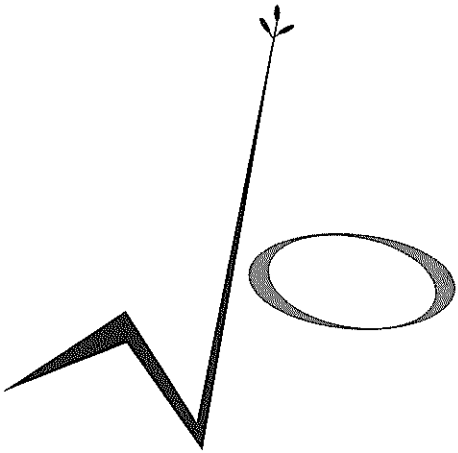
33 Cf. RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 392.

34 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 321.

35 RIBEIRO, D. António, *Obras Escolhidas*, volume 2, Universidade Católica Editora (Lisboa) 2008, pág. 208.

O terceiro é o discernimento e acompanhamento pessoal que desperte e ajude a amadurecer para a resposta generosa, aqueles que o Senhor continua a chamar. Também hoje a Palavra divina continua a precisar de quem seja a voz que clama, tantas vezes no deserto, para a tornar escutada, acolhida e respondida.

Em ano sacerdotal, temos nesta pregação do Cardeal Ribeiro, um manancial muito bom para aprofundarmos o dom precioso do sacerdócio ministerial na Igreja. Talvez a sua leitura possa ainda constituir uma feliz forma de intensificarmos os frutos espirituais e pastorais deste ano sacerdotal que se aproxima do seu termo. 



O MINISTÉRIO DA PRESIDÊNCIA LITÚRGICA

Padre Pedro Lourenço

Representando sacramentalmente Jesus Cristo, Pastor e Cabeça da comunidade cristã, o sacerdote[1] tem como múnus essencial do seu ministério presidir à liturgia, na qual a Igreja, unida a Cristo na celebração do mistério pascal, é santificada e presta a Deus o culto perfeito e integral[2].

O ministério da presidência litúrgica é, como a própria expressão indica, um serviço, no qual o ministro ordenado, actuando "*in persona Christi*"[3]

[1] Falamos aqui do sacerdócio ministerial, seja no grau de bispo, seja no de presbítero.
[2] Cf. SC 7.
[3] *Redemptionis sacramentum* 30.

e, poderemos acrescentar, "*in persona Ecclesiae*", conduz a assembleia celebrante reunida como corpo, na diversidade dos seus carismas e ministérios, na oferta, com Jesus Cristo, do sacrifício de louvor agradável a Deus[4].

Na identificação existencial com Cristo servo, o sacerdote há-de ser para a comunidade cristã que se reúne em assembleia litúrgica, especialmente na celebração da eucaristia, um sinal de Cristo que está no meio dos seus "como Aquele que serve" (Lc 22, 27). Na posição que ocupa, nos gestos que realiza, nas oração e palavras que profere, nas atitudes que assume, ele há-de conduzir a comunidade celebrante a participar activamente no memorial da Páscoa de Cristo.

Diante da assembleia a que preside (a palavra *presidir* significa etimologicamente "*estar sentado diante de*" ou "*em frente de*") o sacerdote é presença sacramental do próprio Cristo vivo e actuante na sua Igreja, de modo especial nas celebrações litúrgicas[5]. Diante de Deus, a quem é dirigida a oração litúrgica, ele representa a comunidade orante que, em Cristo, se oferece ao Pai no Espírito Santo.

---

[4] A assembleia que celebra é a comunidade dos baptizados, que «pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para ser uma casa espiritual e um sacerdócio santo, para oferecerem, mediante todas as obras do cristão, sacrifícios espirituais». Este «sacerdócio comum» é o de Cristo, único Sacerdote, participado por todos os seus membros (*Catecismo da Igreja Católica* 1141).

[5] Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – "O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz" – quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente no dinamismo dos Sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18, 20)». *SC* 7.

Vejamos como se concretiza o exercício deste ministério.

O proémio da *Introdução Geral ao Missal Romano* (*IGMR*) diz-nos: «Quanto à natureza do sacerdócio ministerial próprio do Bispo e do presbítero, que na pessoa de Cristo oferecem o sacrifício e presidem à assembleia do povo santo, ela é posta claramente em relevo pela própria estrutura dos ritos, lugar de preeminência e função mesma do sacerdote»[6].

Referindo-se ao lugar mais indicado para a cadeira do presidente no espaço litúrgico, o mesmo documento, mais adiante, apresenta o seu significado: «A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de **presidente da assembleia e guia da oração**»[7]. Efectivamente, a posição que ocupa no espaço físico, há-de significar a função que desempenha. «O presidente está em relação estreita com a assembleia a que preside; é o primeiro dos seus membros, a cabeça, em ordem à realização da mesma e única acção comum: a celebração. [...] O presidente não celebra para a assembleia; antes, preside à assembleia de que é cabeça, para que toda ela possa fazer celebração»[8]. Mais do que uma tarefa de organização funcional, o ministério da presidência litúrgica é um serviço de comunhão orgânica na

---

«Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote que faz as vezes de Cristo, para celebrar o memorial do Senhor ou sacrifício eucarístico (PO 5; SC 33). A esta assembleia local da santa Igreja se aplica eminentemente a promessa de Cristo: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles" (Mt 18, 20). Com efeito, na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente: na própria assembleia congregada em seu nome, na pessoa do ministro, na sua palavra e, ainda, de uma forma substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas» *IGMR* 27.

[6] *IGMR* 4.

[7] *IGMR* 310.

[8] J. FERREIRA, «O ministério litúrgico da presidência», *Communio* 4 (1993) 357.

Igreja em oração. O presidente é, na acção litúrgica, um sinal de comunhão: comunhão da assembleia celebrante com Deus; comunhão dos diversos membros entre si, em Cristo, pela acção do Espírito.

Nas celebrações litúrgicas encontramos algumas fórmulas que pertencem ao presidente ("fórmulas presidenciais") e que exprimem o seu múnus em função da assembleia a que preside. São elas, sobretudo, as saudações, os diálogos e as bênçãos. Também as acções ou gestos do presidente – e algumas são exclusivas do ministério ordenado, como, por exemplo, o gesto epiclético da imposição das mãos, o sinal da cruz nas bênçãos, os braços abertos durante as orações ou a fracção do pão na celebração eucarística – revelam a especificidade do seu ministério.

Como **guia da oração**, cabe ao presidente proferir as principais orações da celebração, que se chamam, por isso mesmo, *orações presidenciais*. Tais orações, segundo a *IGMR*, devem ser «proferidas em voz alta e clara e escutadas por todos com atenção»[9].

Tendo como referência fundamental da acção litúrgica a celebração da eucaristia, a principal oração do presidente é a *oração eucarística* ou *anáfora* (que se inicia com o diálogo do prefácio e termina com a *doxologia* «Por Cristo, com Cristo, em Cristo...»). No coração desta oração encontramos a *narração da instituição da eucaristia*, na qual o sacerdote profere as palavras do próprio Cristo na Última Ceia[10]. Trata-se de um dos momentos mais expressivos do

[9] IGMR 32.

[10] «Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós. Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de Mim». *Missal Romano*.

múnus presidencial (ao qual, nas concelebrações, se associa cada um dos sacerdotes presentes) actuando "*in persona Christi*"[11].

Além da *oração eucarística*, pertence ao presidente, em nome da assembleia litúrgica, proferir a *oração colecta*, a concluir os ritos iniciais, a *oração sobre as oblatas*, na preparação dos dons e *a oração depois da comunhão*, a concluir os ritos da comunhão. Outras orações próprias da função presidencial são a fórmula da *absolvição*, no fim do acto penitencial, a conclusão da oração universal e, nos ritos da comunhão, o embolismo do *Pai nosso*, bem como a oração que antecede o rito da paz. Encontramos, além destas, também as chamadas tradicionalmente "*secretas*", porque ditas em silêncio. Estas orações, presentes só na celebração da Eucaristia (antes da leitura do Evangelho, na preparação dos dons e antes e depois da comunhão), embora próprias do sacerdote, não são pronunciadas em nome de toda a comunidade, mas em nome pessoal, para despertar maior atenção e piedade no exercício do seu ministério[12].

No exercício do ministério da presidência litúrgica as atitudes do sacerdote devem fazer transparecer o serviço eclesial que desempenha. Como acima foi dito, este ministério é exercido, não em nome pessoal ou individual, mas "*in persona Christi*" e "*in persona Ecclesiae*". É como ministro de Cristo e do seu Corpo que é a Igreja que o sacerdote se deve apresentar diante da comunidade a que preside. Isto não significa que sejam anuladas as características humanas da sua personalidade. Mas como homem de Deus, no

---

[11] A este propósito é significativa a rubrica do *Missal* que diz: «Nas fórmulas que se seguem, as palavras do Senhor devem pronunciar-se distintamente, como o requer a natureza das mesmas palavras».

[12] Cf. IGMR 33.

todo da sua vida e de maneira especial na celebração litúrgica, nele devem resplandecer as virtudes de Cristo. As suas capacidades humanas devem estar ao serviço de algo que o implica e envolve, mas que o transcende. O modo como celebra, as atitudes que assume, a criatividade que aplica, as adaptações que realiza, não hão-de depender sobretudo da sua sensibilidade ou gosto pessoal, mas das determinações que a Igreja fornece, e que na liturgia se expressam sobretudo nas normas litúrgicas, nas introduções aos livros litúrgicos, e nas rubricas próprias de cada celebração. Isto não apenas em função da válida e lícita celebração (e muito menos como atitude rubricista, que vê na norma ou na regra um fim em si mesma), mas para que se alcance a plena eficácia espiritual dos sacramentos e demais acções litúrgicas. E esta exprime-se na comunhão com que se celebram e se vivem os mistérios da fé.

Porque a liturgia, obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, «é acção sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja»[13], devem aqueles que a ela presidem, em espírito de verdadeiro serviço de comunhão eclesial, colocar todo o seu empenho para que a celebração litúrgica, sobretudo a Eucaristia, seja efectivamente a principal manifestação do mistério da Igreja.



13 SC 7.



RETRATO
DOS ORDINANDOS



ANGEL

O Ángel Cárceles Pizarro, como o próprio nome indicia, é *nuestro hermano* de origem, o mais velho de 7 irmãos, nascido a 31 de Dezembro de 1979 na capital espanhola (Madrid). A fase primeira da sua vida foi marcada por uma certa "itinerância" geográfica: baptizado na vigília pascal de 1980 na

paróquia de San Juan de Dios, Uva de Vallecas, Madrid; residente na paróquia de Santa Mónica, diocese de Alcalá de Henares; e caminhada de fé e despertar vocacional na paróquia de Santa Catalina Labouré, Madrid.

A sua entrada no seminário *Redemptoris Mater* ocorreu no dia 18 de Setembro de 2001, tinha então 21 anos de idade. A sua adolescência e juventude não diferiram muito das que são comuns a tantos jovens: estudou, trabalhou, cresceu como homem e como cristão. Ao terminar o 12º ano não entrou imediatamente na Universidade, fazendo um módulo superior naquilo que era (e é) uma das paixões da sua vida: o desporto. Ao mesmo tempo trabalhava aos fins-de-semana numa empresa de limpeza e mantimento de parques e jardins em Madrid.

Afastada de vez a possibilidade de um curso superior em desporto, foi percebendo que o sonho de Deus para si era outro. Mesmo num ritmo intenso de vida escolar e profissional, o Ángel nunca deixou de ir à Missa Dominical (tinha o hábito de participar na Missa Vespertina, ao Sábado), tendo inclusivamente frequentado o pré-seminário assim que deixou de trabalhar aos fins-de-semana. Esse foi um tempo privilegiado de contacto com a Igreja e de intimidade com o Senhor. O pré-seminário lançou-lhe o apelo a entrar no seminário, e pouco tempo depois o Ángel responde afirmativamente ao chamamento de Deus.

Os ambientes próprios da vida do Ángel foram cruciais para o seu crescimento como cristão e para uma maior consciência da sua vocação. Em primeiro lugar, o núcleo familiar, onde lhe foi transmitida a fé por parte dos seus pais, seguindo a pedagogia neocatecumenal. Ainda hoje guarda no coração os ensinamentos dos pais aos Domingos e sobretudo uma frase de seu

pai que marca toda a sua existência: «Tu, Ángel, tens um Pai maior que tua mãe e eu, que é Deus, e a Ele terás que obedecer sempre. Mesmo que nós te possamos eventualmente mandar uma coisa que possa ir contra a Sua vontade, é a Ele que tens que obedecer, mais do que à tua mãe e a mim».

Entrou no Caminho Neocatecumenal aos 14 anos de idade, e aí iniciou uma verdadeira caminhada de fé. Se primeiramente vivia esta realidade apenas do ponto de vista afectivo, dado que era constituída por muitos jovens com os quais se identificava e gostava de estar, com o passar do tempo foi-se dando conta de que não era esse o objectivo do caminho. Marcou-o deveras a descoberta da sua condição de pecador, que o levou a experimentar a misericórdia de Deus, a Sua proximidade e o Seu infinito amor. Ao saber-se pecador perdoado e amado, colocou-se inteiro diante de Deus para saber, afinal, qual era a Sua vontade a respeito da sua vida. E aí esvaziou-se dos seus projectos e sonhos, para dar lugar a uma entrega total e sem reservas da sua vida a Deus e à Sua Igreja, como presbítero.

Para o discernimento vocacional do Ángel foi muito importante a sua participação nas Jornadas Mundiais da Juventude: Loreto, em 1995; Paris, em 1997; Terra Santa e Roma, no Jubileu do ano 2000. As palavras do Santo Padre João Paulo II e a comunhão vivida com aqueles milhões de jovens foram para si um verdadeiro encontro com o Senhor. Além disso, cada jornada era seguida de um encontro vocacional do Caminho Neocatecumenal. Surpreendido com o grande número de jovens que respondiam ao apelo do Kiko e enveredavam pela entrada no seminário, tomou consciência de que da sua entrega ao Senhor depende a salvação de muitas pessoas, e abriu-se seriamente à possibilidade de vir a ser padre. Aquelas palavras ainda hoje ecoam no seu coração e na sua mente nos

momentos mais áridos do Seminário, tendo-o ajudado sobretudo nas dificuldades iniciais de adaptação a Portugal.

No Seminário tem aprendido a pedir ao Senhor a caridade e o zelo pastoral indispensáveis para o exercício deste ministério. O Ángel destaca três momentos que foram particularmente importantes na sua caminhada de seminário. Em primeiro lugar, a perscrutação da palavra, que se faz semanalmente no seminário, abre-lhe a porta ao conhecimento das Escrituras e, por conseguinte, de Cristo. Como a Palavra é viva e eficaz, a leitura da vocação de Jeremias no início da sua entrada no seminário revelou-se profética e consoladora para um rapaz recém-chegado que encontra barreiras linguísticas e dificuldades culturais sempre inerentes a uma mudança. Em segundo lugar, não esquece a relevância do tempo de missão no sul de Portugal entre 2005 e 2007 (dioceses de Portalegre-Castelo Branco, Évora, Beja e Algarve), quando frequentava já o 4º ano de seminário. Na experiência pastoral concreta, reavivou o zelo pela missão, relembrou que a sua vocação é missionária e por isso em função das pessoas a quem é enviado, e foi testemunha de como a palavra divina transforma a vida daqueles que a acolhem. Por fim, destaca o momento da ordenação de diácono, não só pelo que significa em termos eclesiais e sacramentais, mas porque nesta entrega cortou com o que o prendia ainda às coisas do mundo, viu renovado o vigor e a alegria, e sobretudo fez a experiência de que só Deus basta.

Outras descobertas e actividades têm marçado fortemente o seu caminho. Ele não pode esquecer, por exemplo, a paróquia de Nossa Senhora das Dores em Laveiras-Caxias, que o "adoptou" e integrou na 3ª comunidade, juntamente com o David Pernas, seu colega de seminário que

irá igualmente ser ordenado este ano. Não se trata de um trabalho pastoral directo de contacto com catequese ou jovens, mas não deixa de ser um caminho de enriquecimento pessoal, que o põe em contacto com leigos empenhados em dar testemunho de Cristo nos meios em que vivem, partilhando as suas dificuldades, sofrimentos ou necessidades. Também a sua experiência como catequista de adultos no âmbito das catequeses de primeiro anúncio previstas segundo a pedagogia neocatecumenal é destacada como elemento importante na formação para o anúncio do Evangelho. Hoje, como diácono, colabora na paróquia de Santa Marta de Casal de Cambra.

Em ano sacerdotal, o Ángel salienta sobretudo a importância de o sacerdote levar uma vida santa, cultivando a oração e uma intimidade profunda com Jesus Cristo e com a Virgem Maria. A liturgia das horas, a Eucaristia diária e a leitura orante da Escritura são ferramentas indispensáveis à fecundidade do ministério sacerdotal. Para que isso seja possível, o padre não deve desprezar os três conselhos evangélicos (pobreza, castidade e obediência), e deve manter sempre uma atitude de humildade, pois sabe-se radicalmente dependente de Deus. A fidelidade à Igreja (sobretudo ao Magistério) e o ardor missionário devem ser, segundo o próprio, linhas de força inerentes ao próprio múnus assumido. Como nos testemunha o Paolo Ciampoli, seu colega de seminário há já quatro anos, o Ángel é alguém que revela uma enorme disponibilidade para ajudar o outro e uma grande sensibilidade aos problemas dos irmãos. Constantemente toma iniciativas que visam fomentar a comunhão no seminário, sobretudo no que toca a eventos mais lúdicos como o futebol, o teatro ou o cinema. Diante das dificuldades, quer nestes quer noutros

aspectos, mantém a paciência e a perseverança de quem sabe o quer e sabe o que fazer. Mas simultaneamente tem a plena consciência de que tudo aquilo que faz ou pode fazer depende mais do Senhor do que das suas forças. Deste modo, a imagem que melhor se aplica ao Ángel é a da criança, que, pela sua simplicidade e boa disposição, contagia todos os que estão ao seu redor.

David Palatino



ANTÓNIO

Foi há mais de cinquenta anos, num lugar longínquo situado no coração da África portuguesa de então (Angola), que o António nasceu. Foi na véspera do dia de S. Francisco de Assis, a 3 de Outubro de 1954, numa localidade chamada Amboim, da região do Kuanza – Sul.

A entrada na Igreja deu-se apenas dez anos mais tarde, foi no dia 11 de Outubro de 1964 quando o António recebeu o Baptismo e se tornou filho de Deus na sua paróquia natal dedicada aos Santíssimos Corações de Jesus e Maria.

A sua vocação é o que se pode chamar uma verdadeira vocação tardia. O "sim" que o António deu ao chamamento de Deus é fruto de uma história marcada por sinais que ele procurou discernir e aos quais respondeu em obediência à vontade divina. Depois de um longo tempo em que trabalhou e estudou nas mais diversas áreas, desde a televisão ao cinema, passando pela tecnologia informática e a mecânica automóvel, aos quais se junta a formação superior em Electrónica e Comunicações em Budapeste (Hungria) entre 1980 e 1985, o António conhece o Caminho Neocatecumenal e inicia o seu percurso em 1995. Segundo o testemunho do próprio, esta fase da sua vida foi um verdadeiro volte-face naquilo que eram os seus projectos, os seus sonhos, o seu quotidiano. Neste caminho eclesial encontrou sentido para a vida, deixou que Deus tomasse conta da sua existência e foi confrontado pela primeira vez com a possibilidade de ser padre.

Nesta fase, descobriu um novo horizonte de vida, que não podia ser desligado da centralidade de Cristo e da realização da Sua vontade. Se ser bom cristão era uma meta, o melhor caminho para o fazer foi ficando cada vez mais clarificado na sua mente. Como poderia ele esquecer aquele seu encontro marcante com o Papa João Paulo II em Israel? Diante das palavras proferidas na Eucaristia celebrada no Monte das Bem-aventuranças, onde o Santo Padre dizia que quando Deus queria dar uma missão a alguém chamava-o para o monte, e que naquele dia voltava a fazer esse chamamento como o fizera aos Apóstolos, o António não tinha dúvidas: aquilo era para ele. Foi nessa altura que se levantou e deu o "sim" para a missão. Entraria no seminário *Redemptoris Mater* em Setembro de 2000, com 45 anos de idade.

Daí para cá toda a sua caminhada tem vindo a ser construída nesta maturação e discernimento do chamamento de Deus para a missão de ser presença sacramental de Cristo no sacerdócio ministerial. Ao longo desta etapa de seminário, o António tem tido momentos, acontecimentos e rostos que o vão ajudando a tornar-se pastor. Ele destaca sobretudo a importância que teve o tempo de itinerância que fez em províncias e paróquias de Angola, mais concretamente a Sé-Catedral de Luanda e a Ilha de Luanda, e mais tarde S. Marcos de Talatona. Nesse trabalho de evangelização, no contacto com outros três padres e na contemplação das maravilhas que a Palavra de Deus ia fazendo na vida daquelas pessoas, o António foi verdadeiramente uma testemunha do Senhor Ressuscitado até aos confins da terra. Mas também a experiência pastoral nas paróquias de Alfornelos e Brandoa permite um conhecimento mais amplo das diversas realidades da Igreja, das quais Deus se serve e através das quais vai atraindo para Si as pessoas.

Este ano, com a ordenação presbiteral, o Senhor confiar-lhe-à uma nova missão. De certeza que muito daquilo que foi aprendendo no seminário e com a pedagogia neocatecumenal vai ser apanágio da sua acção pastoral: ser o "bom pastor", aquele que vai à procura da ovelha tresmalhada e ferida e lhe dá a maior atenção. Por isso acha necessário investir numa pastoral de presença, em que o presbítero deve passar mais tempo a atender todos aqueles que necessitem.

A ordenação do António Barbosa é vista como uma alegria para toda a comunidade do seminário *Redemptoris Mater*. Afinal, ninguém tem vocação para seminarista e ver a árvore dar fruto depois de alguns anos traz sempre alegria e felicidade a quem acompanhou esse processo. Agora não serão os seminaristas os principais beneficiados da sua experiência de vida, atravessada igualmente pelo impacto da guerra em Angola e da consequente violência efectiva e ideológica do

regime, mas os membros do Povo de Deus para o qual vai ser enviado. Toda a sua vida, como nos conta David Cerdas, um colega seu do seminário, é marcada pela intervenção redentora de Deus, e a experiência dessa realidade é testemunhada diariamente pelo António na alegria e na gratidão que manifesta pelas maravilhas que o Senhor vai fazendo. O mais difícil vai ser mesmo encontrar um substituto à altura. É que toda aquela gama de conhecimentos técnicos adquiridos na sua vida académica e profissional granjearam-lhe o estatuto de "*faz tudo*", nomeadamente no que diz respeito a arranjos e afins. Mas como constata o David, não se trata de uma mera apetência para isso, antes é expressão de um espírito de serviço e disponibilidade que tão necessários são para o exercício do ministério sacerdotal.

Diz quem o conhece que o António tem «uma consciência clara de ter recebido muito da parte do Senhor por meio da Igreja». Ele sabe que aquilo que recebeu não é para si mesmo, e por isso tem o desejo firme de anunciar Jesus Cristo aos homens, tal como ele próprio tem experimentado a acção amorosa de Jesus na sua vida. Com a ordenação presbiteral a aproximar-se, é com alegria que vemos no António um «cristão consciente da grandeza do seu Senhor e do ministério sacerdotal, desejoso de servi-l'O e de ser um *alter Christus* para os homens e mulheres do nosso tempo». A ordenação sacramental será a confirmação deste caminho de conversão e de configuração com o Senhor, mediante a obediência à Sua vontade. Esperamos todos, de facto, que Deus consume o bem que nele começou.

David Palatino



DAVID

O David nasceu a 9 de Setembro de 1981, em Lisboa, e foi baptizado dois meses após o nascimento. Original da Paróquia de Nossa Senhora das Dores de Laveiras – Caxias, O David entrou no Seminário Redemptoris Mater em 2001. Tinha completado os 20 anos e frequentava o Curso de Economia na Universidade Nova de Lisboa.

Decisivo na sua vida de fé e na resposta vocacional, foi o percurso no Caminho Neocatecumenal, realizado na sua própria comunidade constituída em 1995, quando tinha 14 anos, embora, desde que nasceu, tenha acompanhado os pais, que começaram o Caminho antes de se conhecerem. O David testemunha a importância basilar desse itinerário para a sua vida: «ali Deus me foi falando mais fortemente, denunciando o meu pecado e chamando-me à conversão através da Palavra proclamada». Foi no seio deste percurso e em grandes momentos de peregrinação que se sentiu impelido a responder ao chamamento de Deus e deu os passos seguintes para a entrada no Seminário. Mais uma vez foi essencial o suporte que a comunidade de irmãos deu à sua decisão e o testemunho destas pessoas concretas que vão dando espaço à acção de Deus no seu dia-a-dia: «pude ver a mudança nas suas vidas, a abertura ao dom dos filhos e a novas vocações e carismas, e isso incentivou-me a seguir o Senhor».

A consciência do chamamento ao sacerdócio surgiu por volta dos 19 anos, enquanto participava da peregrinação do Papa João Paulo II à Terra Santa, por ocasião do Jubileu. Embora estivesse a viver um momento de crise na sua vida, no encontro com os fundadores do Caminho Neocatecumenal sentiu que o Senhor o chamava a segui-l'O. Embora nesse momento tenha rejeitado essa hipótese, no dia seguinte que era 25 de Março, dia da Anunciação do Senhor, quando celebravam a Eucaristia em Nazaré, sentiu que Deus o escolhia e amava. Mas, como nos disse, não deu logo a conhecer o que estava a viver: «só revelei isto em Agosto, após meses de muita alegria e de algumas tribulações, quando me levantei num outro encontro em Roma, após a Jornada Mundial da Juventude com o Papa. A partir daí, confirmei a chamada em dois convívios em Portugal e entrei num grupo do pré-seminário».

Enviado para o Seminário Redemptoris Mater de Lisboa, conta que os

dois primeiros anos foram muito duros, sentindo a vida de Seminário como um peso que tinha de suportar. Por essa altura, surgiu o momento do envio em missão, que faz parte da caminhada deste seminário, desafio que assumiu com alegria, sentindo-o como uma nova oportunidade que Deus lhe dava. Essa missão teve uma primeira fase no Norte de Portugal acompanhando uma equipa de catequistas e uma outra, de um ano, na Terra Santa, servindo na Domus Galilaeae, no Monte das Bem-Aventuranças, e na Domus Mambre, em Jerusalém, com muitas visitas aos lugares santos. O David aponta os benefícios desse período: «o trabalho de serviço aos peregrinos era intenso, e foi um ano de muitas lutas interiores, sem ver claro o que Deus queria de mim, mas tudo serviu para me encontrar mais fortemente com o Senhor e para me conhecer melhor. e ver que a missão era algo sério, pois anteriormente encarava-a de um modo bastante superficial". Esta experiência foi determinante para, de regresso a Portugal, haver espaço para se reconciliar seriamente com a vida de seminário.

Frequenta actualmente as aulas do Ano Pastoral no Seminário dos Olivais e, a par com a vida na sua comunidade de origem, faz estágio pastoral e exerce o seu ministério de Diácono na Paróquia da Penha de França, em Lisboa, acompanhado pelo pároco, Padre José Gomes de Sousa.

Perguntado acerca do Ano Sacerdotal, o David aponta aquele que acha ser um ponto fundamental para a vida de um padre: «antes de mais, deve ter uma experiência forte de que foi Deus quem o chamou e o conduziu até à ordenação, e alimentar uma relação viva com Ele através da oração e da escuta e leitura diárias da Palavra; além disso, deve estar consciente de que faz parte de um povo sacerdotal ao qual é chamado a servir e não a dominar».

Hugo Gonçalves



MIGUEL

Miguel Jorge Correia Ferreira Pereira, natural de Atouguia da Baleia, nasceu a 18 de Abril de 1985 em Caldas da Rainha. Foi baptizado a 25 de Agosto do mesmo ano, e tem residência na paróquia de S. Leonardo de Atouguia da Baleia, Peniche.

Antes de ingressar no Seminário, era estudante da escola secundária de Peniche, tendo terminado o 11º ano. Na vida paroquial, ele destaca a sua actividade como acólito. Esta actividade, como confessa, foi também importante para o seu discernimento vocacional, pela sua proximidade com o Altar e com a Eucaristia.

Relativamente ao seu percurso vocacional propriamente dito, ele destaca alguns momentos importantes. Não só a já referida pertença ao grupo de acólitos, mas também a entrada de um novo sacerdote na paróquia, o Pe. Manuel Alexandre Tavares da Costa Garcia. Refere ainda o testemunho que as outras pessoas davam a respeito da sua vocação ao sacerdócio, a própria experiência do ensino secundário, sobretudo pelas aulas de moral que, como afirma, "despertaram o meu coração para a universalidade do Amor". Por fim, destaca ainda a celebração da Confirmação como um momento importante no seu caminho vocacional, bem como a sua tomada de decisão.

Ingressou no Seminário Menor de Nossa Senhora da Graça, a 8 de Setembro de 2001, com 17 anos, e no Seminário de S. José a 8 de Setembro de 2002.

Já no Seminário, sublinha três momentos que considera de grande importância para o seu discernimento vocacional. Um primeiro é constituído por todos aqueles nos quais a Igreja se pronunciou sobre a sua vocação, que foram para ele momentos em que se sentiu verdadeiramente amado e escolhido por Deus. Outro, foi a experiência da Eucaristia e da Confissão, nos quais, como diz, "toco a Cristo, mais, que Cristo toca a minha pequenez". Um terceiro momento, o da sua ordenação de Diácono, pela qual pôde realmente sentir que "já não me pertencia, era de Deus, essa foi e é a minha maior

alegria". Ainda como Diácono, realça os momentos em que sentiu o amor de Deus pelo Povo, quer através da pregação, da caridade, quer pelos sacramentos, nos quis "vi o corpo de Cristo a edificar-se pela acção de Deus".

No que toca à sua experiência pastoral, já no Seminário, refere a paróquia de Nossa Senhora do Cabo de Linda-a-Velha, na qual trabalhou durante dois anos, e actualmente está a terminar também uma experiência bienal no Pré-Seminário de Lisboa. Sobre estas experiências, confessa: "experimentei em cada uma delas o amor dos seus pastores para com elas, e penso ter aprendido deles esta disponibilidade para o povo de Deus".

Por último, questionado sobre aquilo que um Padre deve cultivar, ele destaca a oração, e a celebração da Liturgia "com arte e com alma", com beleza e com profundidade. Destaca que deve ser para os fiéis, não apenas pastor, mas também irmão; deve ainda ser um homem pacificado por Cristo, reconhecendo-se a sua vida animada pelo Espírito nos seus gestos e palavras. Por fim, refere que o Padre deve "permanecer na humildade de se saber servo de Cristo e herdeiro, por misericórdia de Deus, do Reino dos Céus".

Recolhemos ainda, sobre o Miguel, o testemunho de um colega de Seminário, Pedro Nóbrega, aluno do 4º ano pela Diocese do Funchal. Assim, destaca como importante no Miguel o seu exemplo de bondade. De facto, refere que, não obstante a sua característica distracção, é um rapaz "super-empenhado" e disponível, de tal forma que "mostra conseguir facilmente desistir de si, dos seus planos em favor dos outros". Sublinha ainda o sentido de humildade e de humor do Miguel.

Sobre as qualidades que, no seu entender, podem ajudar ao serviço da Igreja, o Pedro refere a sua busca da pureza do olhar, a fidelidade aos desafios

que a Igreja lhe vai pedindo, assim como a sua facilidade em lidar com as diversas pessoas.

Tendo-se pedido ao Pedro que o descrevesse numa única frase, ele afirma: "O Miguel é alguém que na sua distracção capta, pelo seu coração, a verdade do irmão!".

Paulo Pires



NUNO

É preciso ir até aos campos do Oeste para conhecermos o *habitat* do Nuno Fernandes. Vindo ao mundo a 5 de Outubro de 1972, em Lisboa, cedo foi morar para o Cadaval.

A sua já "longa" história, está marcada pelo selo de Deus que com ele foi fazendo caminho. Foi baptizado a 14 de Janeiro de 1973. A sua entrada no Seminário dos Olivais, em Setembro de 2006, e já antes a sua experiência de vida religiosa no Instituto Missionário Pia Sociedade de S. Paulo (Paulistas) onde entrou em 1996, foram momentos fortemente marcados pela convicção de que Deus é o Senhor da sua vida e que só Ele tem a chave da existência humana e cristã.

Quando entrou nos Paulistas, o Nuno levava já uma ampla experiência pastoral: era catequista no Cadaval, animador do grupo de jovens, esteve envolvido na pastoral juvenil da Vigararia Cadaval-Bombarral, foi sócio-fundador da Associação Juvenil *Salvator Mundi* do Bombarral, esteve inserido no grupo que deu início ao Festival da Canção Cristã dos Jovens da Vigararia (onde também participou como concorrente), colaborou numa equipa de jovens universitários ligada ao Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações e também foi leitor, cantor, salmista e acólito.

Quem conhece o Nuno sabe do seu interesse pelo mundo da Comunicação Social. É licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Autónoma de Lisboa, com especialização em jornalismo e teve alguns desempenhos profissionais no Jornal Voz da Verdade, no jornal local do Bombarral (Área Oeste) e em alguns programas de rádio que lhe deram competências nesse campo, muito úteis para a Igreja e para o Seminário. Talvez por isso, entra nos Paulistas em 1996. Durante o período em que esteve nesta Congregação, foi ao longo de vários anos redactor da revista Família Cristã. Além disso, estagiou na Redacção de Informação da RDP – Antena 1 e colaborou com a Rádio Renascença, onde ainda hoje mantém actividade como comentador litúrgico. Em 2005, antes de fazer os votos perpétuos, sentiu que

Deus o chamava a ser padre diocesano e deixou a Congregação. Encontrou, então, emprego na Agência Ecclesia.

Depois de 9 meses a trabalhar, fazendo um discernimento sério acerca da vontade de Deus a seu respeito, acabou por ingressar no Seminário dos Olivais.

Foram particularmente significativos na vida do Nuno, alguns momentos que moldaram a sua personalidade e o ajudaram a amadurecer espiritualmente: em primeiro lugar, os encontros com o director espiritual e as celebrações litúrgicas; em segundo lugar, o dia da primeira profissão religiosa, enquanto gesto de entrega radical ao Senhor. Já nos Olivais, destaca o dia em que foi instituído leitor e, sobretudo, a ordenação diaconal. Foi um percurso de esvaziamento de si próprio para deixar o Espírito Santo habitá-lo plenamente e conduzir os seus passos. Para isso, muito contribuiu a formação pastoral nas paróquias de Nossa Senhora dos Navegantes do Parque das Nações (de 2006 a 2008) e de Cristo-Rei de Algés e de Miraflores (de 2008 a 2010). O Nuno vê esta experiência pastoral como uma oportunidade para crescer no amor a Deus e à Igreja, amando cada um daqueles que o Senhor coloca à sua frente com o amor do Bom Pastor. Esta experiência ajuda-o a cultivar aquilo que deve ser apanágio de um sacerdote: ser amigo, ser pai e ser pastor para aqueles a quem o Senhor o enviar.

O Ivo, seu colega de pastoral em Algés, salienta alguns aspectos onde o Nuno se destaca particularmente: a liderança da equipa do site do Seminário; a criação e manutenção da Rádio Olivais, nomeadamente a transmissão da oração de Vésperas comunitárias ao Domingo e as catequeses quaresmais do Senhor Patriarca na Sé de Lisboa; a sua contribuição para a

edição da revista *Novellae Olivarum*; o serviço pastoral na Rádio Renascença, etc.

O Nuno destaca-se ainda na área da música. A sua ampla experiência pastoral, sobretudo nas actividades vicariais, onde organizava e participava nos Festivais da Canção Cristã, foi enriquecedora para o Seminário, que pôde contar com os seus dotes vocais na *Schola cantorum*, e para as comunidades paroquiais onde trabalhou. Tocar viola e escrever e compor músicas de inspiração cristã são também notas características da veia artística do Nuno.

Mas não seriam estes os dons que o conduziriam ao ministério. Ao longo do seu percurso, o Senhor foi moldando o seu coração, e hoje reconhecemos nele algumas virtudes indispensáveis a um bom exercício do ministério sacerdotal. A sua generosidade e capacidade de entrega vêm-se na disposição com que ajuda prontamente nos trabalhos comunitários. Salientam-se igualmente o zelo, a atenção e a sua preocupação com a vida comunitária, sempre temperados com aquela calma que revela a maturidade dos "trintas". Ele sabe relevar e conjugar os dons dos seus colegas. e pela sua boa disposição e alegria contagia positivamente aqueles que o rodeiam. A forma como proclama a palavra de Deus, revela a importância que essa mesma Palavra ocupa na sua vida. Fruto do seu contacto mais próximo na formação pastoral, o Ivo realça a sua dedicação por aqueles que lhe são confiados. Destaca a partilha de vida e entreajuda pastoral.

Aliada ao gosto pela comunicação e a uma consciência profunda do tesouro que transporta no seu ministério, sublinhamos também a sua alegria no serviço do Senhor e da Sua Igreja.

David Palatino



RICARDO

O Ricardo Pinto, natural da Paróquia da Sagrada Família do Entroncamento, nasceu no dia 2 de Fevereiro de 1985. Baptizado no dia 13 de Outubro do mesmo ano, o Ricardo foi admitido no Curso de Enfermagem que nunca chegou a iniciar porque decidiu entrar no Seminário no mesmo ano. Foi no dia

23 de Setembro de 2004, com 18 anos, que entrou no Seminário de São José de Caparide, trocando a vida pastoral da sua Paróquia, onde colaborava na catequese, no grupo de jovens "Pedras Vivas", nos acólitos e na pastoral litúrgica, por um tempo de discernimento no Ano Propedêutico.

Quando lhe pedimos que nos falasse dos momentos e pessoas importantes no seu discernimento vocacional, entre outras referências, começa por falar-nos do Pároco da sua infância, o Padre Armando Delgado Marques: «Era um homem dinâmico e vivo, com um amor muito grande ao povo que lhe tinha sido confiado. Recordo um momento particular quando tinha 6 anos e o Pe. Armando me convidou para ir à casa paroquial no final da missa porque tinha uma prenda para mim. Vim de lá com uma pequenina imagem de um menino de joelhos a rezar. Na base da imagem estava escrito: "E se eu um dia fosse padre? 13 de Junho de 1991". Ainda trago essa imagem comigo. À medida que crescia, olhando para ela, recordava-me deste chamamento que me ia sendo feito».

Também o actual pároco, o Padre Vicente, foi muito importante nas interpelações que lhe foi fazendo, mesmo durante a caminhada de Seminário, sobretudo no momento de decidir a passagem do Seminário de Caparide para o Seminário dos Olivais.

Quanto a esta última etapa da formação, o Ricardo realça a importância do trabalho pastoral, sobretudo no contacto com a realidade de comunidades paroquiais concretas e diversas. Durante os quatro anos nos Olivais, o Ricardo fez um ciclo de dois anos nas paróquias de São Vicente do Paúl, Casével e Vaqueiros acompanhado pelo Pe. Ricardo Madeira e, nestes dois últimos anos, tem estado no Cartaxo, Almoster, Pontével e Vila da Marmeleira acompanhado pelos padres Vítor Alcobia, António José Brito e

Luís Pedro. Prestes a ser ordenado presbítero, o Ricardo testemunha: «com estas experiências e com estes padres aprendi que a pastoral não é fazer muitas coisas; a nossa acção pastoral depende da disponibilidade de coração para estar e amar o povo que o Senhor nos confia na realidade simples mas profunda das nossas comunidades paroquiais».

Na comunidade do Seminário, o Ricardo é visto como alguém organizado que procura desempenhar bem as tarefas que lhe são confiadas, disponível para escutar e ajudar os outros, como nos disse o Paulo Silva, seminarista da Diocese do Funchal: «o Ricardo contribuiu muito para a minha integração na comunidade e foi para mim uma testemunha de que vale a pena dar a vida por Cristo mesmo nas dificuldades».

O Ricardo disse-nos que viveu muito intensamente o momento da ordenação diaconal: «um momento sonhado e desejado, vivido com gratidão pelas graças que o Senhor me foi concedendo ao longo da história que Ele vai construindo comigo. Recordo que nesse dia repeti tantas vezes as mesmas palavras que Pedro disse a Jesus: "Senhor, tu sabes tudo, bem sabes que te amo!"»

Quando lhe perguntámos quais as qualidades que considera importantes num padre para o nosso tempo, realçou a Palavra de Deus, como fonte de vida e alimento espiritual, a oração e a coerência de vida. Nas suas próprias palavras, «o padre deve ser um homem generoso, humilde, paciente, disponível, caridoso, honesto, fiel, simples, discreto, acolhedor, atento, diligente... que se saiba oferecer a ele mesmo em sacrifício unido à Cruz do Senhor».

Hugo Gonçalves



ROBERTO

Roberto Manuel Sé Aguiar, nasceu a 27 de Julho de 1980 em Caracas, Venezuela. Foi baptizado na Paróquia de Nuestra Señora de la Paz, na mesma cidade, a 19 de Março do ano seguinte. Actualmente reside na Ilha do Funchal e pertence à Paróquia de Boaventura.

Quanto ao seu percurso vocacional, pode dizer-se que começou na família. De facto, ainda antes de ingressar no Seminário, a presença dos seus avós foi importante para a sua caminhada de fé. Como ele mesmo afirma: "A minha primeira catequista foi a minha avó materna".

A sua primeira interpelação vocacional aconteceu aquando da preparação para a Confirmação, já em tempo de catequese. Então, a catequista lançava a questão "Quem quer ser padre?", à qual o nosso ordinando nada respondeu. Todavia, a pergunta não tinha sido em vão: "Eu, na altura, não disse nada... Mas ficou-me cá dentro do meu coração". Já no 6º ano de escolaridade recebeu um convite para entrar no Colégio Missionário no Sagrado Coração de Jesus, onde, depois de uma experiência de Pré-Seminário, deu o seu primeiro "Sim". Tinha cerca de 16 anos.

Uma vez já no Colégio Missionário, onde frequenta as aulas com cerca de 30 colegas, confronta-se com a saída de muitos. Isto levou a que, como ele mesmo afirma, "interrogar-me se era também chamado a este grande ministério".

Desde essa primeira interrogação, já lá vão 14 anos. O Roberto manifesta-se muito agradecido a todos os que contribuíram para a sua formação espiritual, cultural, moral, humana e pastoral. Confessa que, de facto, estes anos não foram um "mar de rosas". Decisivo no seu caminhar foi o testemunho de vários padres.

Ao longo da sua vida de Seminário, realça três dimensões que para ele foram importantes: a oração, o estudo e a vida comunitária. A oração, como ele diz, "é essencial para fazer experiência pessoal e comunitária de intimidade com Cristo Pastor". Sobre o estudo, ele testemunha: "O estudo,

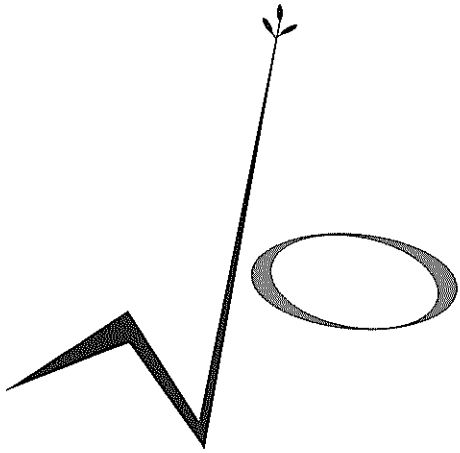
no Seminário, introduziu-me num maior conhecimento da verdade, que é Jesus Cristo, e da minha própria vocação". Quanto à vida comunitária, ela "é essencial, porque aprendemos a viver com os outros e nela podemos partilhar várias experiências, pois somos todos diferentes e provimos de diferentes dioceses".

No seu percurso de formação, teve oportunidade de colaborar em várias paróquias: No ano de 2004/05 na Paróquia de Boaventura e Ponta Delgada (Madeira), em 2005/06 na Paróquia de São Gonçalo (Madeira), em 2006/ 07 na Paróquia da Portela (Lisboa), em 2007/09 nas Paróquias de Algés e Miraflores (Lisboa) e, por último, em 2009/10 na Paróquia de Sacavém (Lisboa). "As experiências nas comunidades paroquiais por onde passei foram todas elas ricas do testemunho de Cristo Morto e Ressuscitado. Para a minha formação pastoral foram experiências importantes, porque ajudaram-me no crescimento da fé e na configuração com Cristo Pastor".

Por fim, questionado sobre quais as qualidades que pensa serem importantes num sacerdote, ele afirma: "A Igreja precisa de sacerdotes que cultivem os mesmos sentimentos de Cristo Pastor, e se apresentem no mundo como modelos de santidade. O sacerdote deve cultivar quotidianamente a disponibilidade, a fidelidade, a obediência, a humildade, a oração, a verdade, a comunhão, a caridade pastoral, a paciência, o testemunho, o serviço, o amor e o desejo de gastar toda a vida ao serviço do Evangelho. Por fim, o encontro pessoal quotidiano com Jesus na Eucaristia".

Reunimos ainda o testemunho de um colega que caminha com ele há já 7 anos, Ronald Vieira, actualmente aluno do 5º ano pela diocese do

Funchal. Acerca das qualidades do Roberto para o serviço à Igreja, ele destaca a amizade e a perseverança na vocação que Deus lhe deu. A isto, acrescenta o seu carácter extrovertido, manifestado no seu sorriso e nas suas gargalhadas. E, pedindo-se-lhe que o descrevesse numa única frase, o Ronald declara: "Uma caixinha de surpresas!".



A VIDA ESPIRITUAL DO PADRE NO EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO

Cónego João Marcos

1 – Completar-se-ão, em Dezembro próximo, quarenta e cinco anos sobre o encerramento do Concílio. Pouco a pouco, vamos entendendo a Igreja como um mistério de comunhão que nasce e se alimenta da Páscoa do Senhor, e isso leva-nos necessariamente a valorizar o sacramento do Baptismo e o sacerdócio baptismal. Consequentemente, desclericalizar-se-á o ministério sacerdotal, e também o padre diocesano recuperará a dimensão verdadeiramente católica, englobante, do seu ministério. E quanto à sua espiritualidade?

É muito significativo que a *Pastores Dabo Vobis* fale de vida espiritual do sacerdote e não de espiritualidade sacerdotal, que fale de uma vocação

específica à santidade e não de vocação a uma santidade específica, e que o faça depois de ter sublinhado a vocação fundamental que o Pai, desde toda a eternidade, dirige a todos para sermos santos e imaculados na sua presença na caridade, em virtude de termos sido predestinados para sermos seus filhos adoptivos, por Jesus Cristo (cf. Ef 1, 4-5; PDV 19).

Em 1959, no ano em que João XXIII anunciou a convocação do Concílio, escrevia Louis Bouyer, na introdução ao seu livro *Le Sens de la vie sacerdotale*, estas palavras:

"Há já algum tempo que se procura definir uma espiritualidade propriamente sacerdotal. Mas, as mais das vezes, parece-me que sob este nome se colocam apenas pesquisas artificiais que vêm complicar mais as coisas e não ajudam a resolver nenhum problema. Constata-se que as ordens religiosas, numa época bem recente, tentaram definir uma espiritualidade particular para cada uma delas e desenvolvê-la depois sistematicamente. Procurou-se então edificar para os padres seculares uma capelinha semelhante... Mas apenas se lhes ofereceu um suplemento de espiritualidade "religiosa". Muito se poderia dizer acerca da legitimidade destas espiritualidades particulares, centradas na sua própria particularidade. Nenhum grande santo fundador conheceu tal coisa. Santa Teresa de Jesus recorria indiferentemente a directores espirituais dominicanos, franciscanos ou jesuítas, desde que fossem homens de Deus e de sólida teologia. As grandes espiritualidades históricas, de facto, são apenas aplicações, em circunstâncias concretas, do Evangelho de sempre. Não há uma santidade do leigo, uma santidade do religioso, ou ainda deste ou daquele religioso, uma santidade do padre, etc. Há a santidade cristã cuja forma exterior varia segundo as condições em que se desenvolve, mas cuja essência profunda é sempre a

mesma. E se o padre, enquanto padre, deve ter qualquer coisa de especial na sua espiritualidade é isto: mais do que qualquer cristão deve fugir de todas as especificações: como apóstolo, deve fazer-se tudo para todos, ser não apenas um homem de Igreja, mas o homem da Igreja que vive a plenitude, a catolicidade do mistério cristão, ele que o recolhe na fonte, para o transmitir aos outros."

A vivência do cristianismo que o Concílio quis suscitar na Igreja leva-nos, de facto, a superar a divisão que, desde o século XIII, foi acontecendo entre teologia e espiritualidade, entre sabedoria e santidade, entre ciência e vida.

Como afirmou Von Balthasar, "os que hoje têm de pregar o Evangelho aos pagãos modernos buscam uma instância que lhes mostre unidas sabedoria e santidade, buscam o organismo vivo da doutrina da Igreja e não esta estranha anatomia: de um lado, ossos sem carne – a dogmática tradicional; do outro, carne sem ossos – toda essa literatura piedosa que, à base de ascética, espiritualidade, mística e retórica, oferece um alimento que carece de substância. De acordo com o protótipo da Revelação na Escritura só a união dessas duas partes constitui aquela figura inteira que pode ser percebida pelo olhar crente, à luz da graça, e que também o mundo não pode deixar de contemplar na sua peculiaridade de evidência e de escândalo." (Ensaios Teológicos I, Verbum Caro, BAC, p. 249-250)

Hoje, nos documentos e também nas mentalidades, as coisas estão, graças a Deus, bastante claras. O que somos e o que fazemos, a nossa identidade e a nossa missão, determinam toda a nossa vida de presbíteros, também do ponto de vista espiritual, e polarizam e integram todos os

aspectos da nossa personalidade, todas as realidades da vida de cada um. De facto, é de Vida que se trata e não de roupagens ou de adereços postiços. Como lemos na Primeira Carta de São João, "a Vida manifestou-se: nós a vimos e dela vos damos testemunho e vos anunciamos esta Vida Eterna que estava voltada para o Pai e que nos apareceu" (1Jo 1, 2).

Somos padres católicos. Cresce e frutifica em nós esta Vida nova que é a Vida do Filho de Deus, a Vida divina, a Vida eterna. Pelo nosso ministério ela deve chegar também à vida de muitos outros para que dêem fruto abundante. Não podemos viver autenticamente como cristãos e menos ainda como padres se não estamos habitados por este deslumbramento: a Vida manifestou-se e chegou até mim! Sendo apenas homem, participo da própria Vida de Deus, sou participante da natureza divina! Mais ainda: pelo sacramento da Ordem tornei-me instrumento vivo do sacerdócio eterno de Cristo a fim de dar seguimento no tempo à sua obra admirável (cf. PO 12). O Pai deu ao Filho o poder de dar a Vida e o Filho entregou-nos esse poder de dar a Vida Eterna aos que n'Ele crêem. É isto que configura inteiramente a nossa vida de padres e faz de nós homens não apenas disponíveis, mas inteiramente expropriados para servirmos o Senhor com tudo o que somos e temos. O poder de dar a Vida é o poder de amar como o Senhor nos amou, de não vivermos para nós mesmos, para assim nos pormos ao serviço do Senhor e dos irmãos. Esta configuração e esta identificação com Cristo Filho de Deus que vive inteiramente a partir do Pai e para o Pai, que incessantemente sai do Pai e ao Pai regressa leva-nos, pelo Espírito que d'Ele recebemos, a esvaziar-nos de nós mesmos e a reproduzir em nossas vidas a pobreza, a castidade e a obediência que n'Ele vemos, ou seja, leva-nos a viver a Sua mesma caridade. Assim, esvaziados de nós próprios e cheios do Espírito Santo, aprendemos a

obedecer a Deus e a submeter-Lhe em tudo a nossa vontade; aprendemos a usar com liberdade os bens materiais sem deixarmos que o coração a eles se apegue; cultivamos relacionamentos de caridade fraterna com o próximo baseados na castidade, fugindo da escravidão dos afectos, e por amor do Senhor, pomo-nos humildemente ao seu serviço. Também a vivência do celibato nos ajuda a manifestar ao mundo a novidade da filiação divina que Jesus nos oferece e que faz de nós sinal profético do Reino de Deus e da ressurreição futura em que já não há marido e esposa, mas em que todos somos irmãos (cf. Mt 22,30).

Consagrados e enviados pelo mesmo Espírito que consagrou e enviou o Filho em missão, nós, presbíteros, prolongamos a mesma missão do Filho que consiste em revelar ao mundo o amor do Pai e encaminhar para Cristo e para o Pai os que n'Ele crêem. Sempre em comunhão com o Pai que O enviou, Jesus veio dizer-nos as palavras do Pai, realizou as obras do Pai, manifestou ao mundo o amor do Pai; unidos a Cristo que nos envia e sustentados pelo Seu Espírito que assegura a eficácia do nosso ministério, nós dizemos as palavras de Cristo, realizamos as obras de Cristo, revestimo-nos dos mesmos sentimentos de Cristo, reproduzimos em nós a Sua própria Vida. E, como afirmou o Apóstolo Paulo, "nós temos o pensamento de Cristo" (cf. 1Cor 2, 16)!

Quando paramos um pouco para mergulhar neste mistério sublime que nos habita e advertimos a grandeza impressionante do ministério que nos foi confiado sentimos a nossa pequenez e indignidade, mas surge também em nós a gratidão e a alegria de quem se reconhece envolvido por tão deslumbrante beleza e por tão grande misericórdia.

Um cristianismo minimalista, sem o deslumbramento provocado pela consciência deste mistério de amor, é sal que perdeu a força, é luz que não ilumina nem aquece. E que dizer do ministério sacerdotal? Que dizer dos padres que o exercem apenas como funcionários?

Lembremos as palavras do Concílio no número 12 da *Presbyterorum Ordinis:*

"Pelo sacramento da Ordem os presbíteros são configurados a Cristo Sacerdote como ministros da cabeça para a construção e edificação do seu corpo que é a Igreja, na qualidade de colaboradores da ordem episcopal. Já desde a consagração do baptismo receberam, tal como todos os fiéis, o sinal e o dom de tão insigne vocação e graça para que, mesmo na fraqueza da condição humana, possam e devam alcançar a perfeição, segundo o que foi dito pelo Senhor: 'Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste". Mas os sacerdotes são especialmente obrigados a buscar esta perfeição visto que foram consagrados de modo particular a Deus no sacramento da Ordem (...) Dado, portanto, que cada sacerdote, no modo que lhe é próprio, age em nome e na pessoa do próprio Cristo, usufrui também de uma graça especial, em virtude da qual, enquanto se encontra ao serviço das pessoas que lhe foram confiadas e de todo o povo de Deus, possa alcançar de maneira mais conveniente, a perfeição d'Aquele de quem é representante." (cf. Heb 7, 26)

Se para todos os baptizados sem excepção a existência cristã é necessariamente vida espiritual, quer dizer, vida animada e guiada pelo Espírito em ordem à santidade e à perfeição da caridade, não faz sentido que a santidade desapareça do horizonte da vida de um homem que foi chamado, eleito, consagrado e enviado precisamente para santificar os seus irmãos.

Como escreveu João Paulo II "a vocação sacerdotal é essencialmente uma chamada à santidade na forma que nasce do sacramento da Ordem. A santidade é intimidade com Deus, é imitação de Cristo pobre, casto e humilde, é amor sem reserva às almas e entrega pelo seu próprio bem; é amor à Igreja que é santa e nos quer santos porque santa é a missão que Cristo lhe confiou". (Homilia de 09.10.1984. *Insegnamenti*, VIII/2 (1984) 839)

2 – O nº 24 da Pastores Dabo Vobis sublinha a íntima ligação entre a vida espiritual do presbítero e o exercício do seu ministério, citando a Presbyterorum Ordinis do Vaticano II: "Exercitando o ministério do Espírito e da justiça (cf. 2Cor 3, 8-9), os presbíteros são consolidados na vida do Espírito, na condição porém de serem dóceis aos ensinamentos do Espírito de Cristo que os guia e vivifica. De facto, os presbíteros são orientados para a perfeição da vida por força das acções que desenvolvem quotidianamente, como também de todo o seu ministério que exercem numa estreita união com o Bispo e entre si. Mas a santidade dos presbíteros, por sua vez, contribui muitíssimo para o desempenho eficaz do seu ministério. Trata-se de vivermos o mistério de que somos dispensadores, mistério que é o próprio Cristo, fonte de santidade e apelo à santificação." E conclui resumindo: "A vida espiritual do presbítero, outra coisa não é senão o acolhimento na consciência e na liberdade, e consequentemente na mente, no coração, nas decisões e nas acções, da "verdade" do ministério sacerdotal como "*amoris officium*". Antes afirmara que "o ministério do sacerdote, precisamente porque é uma participação no ministério salvífico de Jesus Cristo cabeça e pastor, não pode deixar de reexprimir e reviver aquela sua caridade pastoral que é, ao mesmo tempo, a fonte e o espírito do Seu serviço e do dom de Si próprio".

Concretizemos um pouco.

Nós, presbíteros, somos colaboradores dos bispos e participamos do seu ministério que é o mesmo dos Apóstolos e que se resume nisto: edificar a Igreja. Mas edificar a Igreja é obra do próprio Cristo. Assim o disse aos judeus e a Pedro, em circunstâncias diferentes: "destruí este templo e em três dias eu o levantarei" (Jo 2, 19); "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarás... não, sobre esta pedra edificarei a minha Igreja" (Mt 16, 18).

Com o nosso cristianismo humanista, quantas vezes nos esquecemos de que "se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem" [Sl 127(126)]. Ele edifica a sua Igreja por meio do seu tríplice ministério: profético, sacerdotal e pastoral.

Se Cristo se formou e cresceu em nós, se Ele vive e actua em nós, se estamos configurados com Ele, se com Ele aprendemos a viver como filhos de Deus, como irmãos e servos uns dos outros também poderemos exercer o Seu sacerdócio. Mas não poderemos exercer digna e frutuosamente o ministério sacerdotal se não vivemos a diaconia de Cristo, a fraternidade e a comunhão cristã, só possível pelo Espírito de Cristo, e a filiação divina que é incompatível com a filiação do maligno. Ou seja, se não nos convertemos diariamente ao Senhor para d'Ele aprendermos a viver a sua própria vida, não nos contentaremos com dizer as Suas palavras e realizar as Suas obras porque queremos fazer as nossas próprias obras e dizer as nossas próprias palavras procurando a nossa própria glória e não a do Pai que está nos céus. E porque não temos os sentimentos de Cristo, homem novo, achamos normal que o homem velho que nos habita se aproveite de Cristo e da Igreja. E somos padres para nós próprios, servimo-nos a nós próprios, tornamo-nos

dominadores dos nossos irmãos, invocamos o santo nome de Deus em vão... e autojustificamo-nos, e depois admiramo-nos de as pessoas não se converterem, de não amarem Jesus Cristo e a Sua Igreja e de não serem dóceis ao Espírito... Mas não é isso que tantas vezes semeamos com o nosso mau exemplo, com as nossas atitudes?

"Sem mim nada podeis fazer" (Jo 15, 5). "Quem não ajunta comigo, dispersa" (Lc 11, 23), diz-nos o Senhor. "Veja cada qual como edifica" (1Cor 3, 10), adverte-nos São Paulo.

Um padre que não é servo, que não vive e não cultiva a comunhão fraterna, que tem um coração pagão e não vive a vida do Filho de Deus é um mau sacerdote, é um contra-senso. O pior é que esta estrutura pagã continua a disfarçar-se muito bem com os incensos de uma religiosidade que pode encantar mas não converte as pessoas, com o activismo moralista que as pessoas agradecem, mas que é espiritualmente estéril, ou com o brilharete de homilias e discursos que as pessoas admiram, mas que as prendem ao padre e não as levam a Cristo.

Em vão trabalham os que assim constroem...

Parece que nos últimos séculos nos especializámos na arte de usar tijolos e outros materiais próprios da torre de Babel para edificar o templo de Deus, que deve ser feito de pedras vivas. "Veja cada qual como edifica porque o fogo provará a solidez da obra de cada um", lembra o Apóstolo (1Cor 3, 13).

Passou o tempo da cristandade. Vivemos agora um tempo de recomeço em que o Senhor nos manda edificar a Igreja delineada pelo Espírito Santo no Concílio Vaticano II. No tempo de Josias, rei de Judá, os sacerdotes não se

disponibilizaram para levar à vida do povo a reforma deuteronomista e isso teve consequências trágicas. Seria triste se, em nome desta ou daquela espiritualidade, por este ou por aquele condicionalismo e sobretudo por causa da dureza do nosso coração gastássemos o nosso tempo e as nossas energias com actividades secundárias e supérfluas a prolongar artificialmente o tempo da cristandade, em vez de vivermos o específico da nossa missão apostólica que é edificar a Igreja, como Deus a quer no nosso tempo.

3 – Mas como se edifica a Igreja?

Nos anos 60 e 70 do século passado, muitos padres e leigos apenas receberam do Concílio os aspectos mais espectaculares da reforma litúrgica e da abertura da Igreja ao mundo. Viram a *Sacrossanctum Concilium* e a *Gaudium et Spes* como o núcleo da reforma conciliar. Quem enveredou por aí vai mantendo o que ainda resta da cristandade mas vê as comunidades paroquiais envelhecendo sem que novas gerações as rejuvenesçam. Alguns intuíram que o miolo da reforma conciliar está sobretudo na *Lumen Gentium* e na *Dei Verbum*. Quem edificou a partir daí vê hoje a Igreja a crescer e a frutificar. A visibilidade e a exterioridade inerentes ao nosso ministério não nos dispensam de ver e entender as coisas a partir de dentro. É a partir de dentro que se edifica a Igreja.

Quando foi necessário instituir diáconos para prestarem serviços que não diziam directamente respeito ao ministério dos Apóstolos, Pedro afirmou: "quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra" (Act 6, 4). A oração e o ministério da Palavra: Pedro resumia assim a experiência marcante do início da sua actividade apostólica. Lembrava-se

certamente do Cenáculo onde os Apóstolos permaneceram unidos em oração com Maria Mãe de Jesus, onde receberam a efusão do Espírito Santo e de onde saíram a pregar o Evangelho desassombradamente.

A oração e a palavra que encontram na Eucaristia a sua plenificação, são o miolo da vida de um padre que leva a sério a sua missão. Tudo o mais nasce daí e aí regressa.

O segundo capítulo do livro dos Actos diz-nos como se edifica a Igreja: a oração, a vinda do Espírito Santo, os sinais que congregam as pessoas, a pregação que suscita a fé e a conversão a Cristo, o Baptismo, e a integração na comunhão eclesial. E apresenta também os quatro pilares que sustentam a vida cristã: escutar o ensino dos Apóstolos, cultivar a comunhão fraterna, celebrar a Liturgia sobretudo a Eucaristia, e perseverar na oração. Dois mil anos depois continuam a ser estes os pilares da Igreja. A profissão de fé, a celebração do mistério cristão, a vida em Cristo e a oração cristã são os títulos das quatro grandes secções do Catecismo da Igreja Católica. e, se repararmos bem, neles se resume também a vida e o ministério dos presbíteros.

O Livro dos Actos dos Apóstolos sublinha a dimensão comunitária destes dois pilares do ministério apostólico: "os Apóstolos perseveravam unânimes na oração, com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos" (1,14); "Pedro, de pé, juntamente com os Onze, levantou a voz e assim falou" (2,14). Esta dimensão comunitária deve tornar-se cada vez mais visível no presbitério diocesano. Dela depende, em grande parte, a credibilidade do nosso testemunho e a fecundidade do nosso ministério. Somos "*forma gregis*". Se nós presbíteros não vivemos e testemunhamos a comunhão presbiteral como edificaremos e serviremos a

comunhão eclesial? Não se trata de um ideal a propor. Trata-se de manifestar a vida divina que nos habita, trata-se de dar testemunho da Palavra encarnada que transformou as nossas vidas. Tudo o que direi a seguir assenta neste pressuposto.

4 – O número 26 da *Pastores Dabo Vobis* convida-nos a ver de perto o íntimo relacionamento que existe entre a vida espiritual do sacerdote e o exercício do seu tríplice ministério: da Palavra, dos Sacramentos e do serviço da caridade pelos quais a Igreja se edifica.

"Antes de mais, o sacerdote é ministro da Palavra de Deus, é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino, chamando cada homem à obediência da fé e conduzindo os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do mistério de Deus". Somos servidores da Palavra de Deus. Mas se nós próprios não a escutamos e não lhe obedecemos, se a Palavra de Cristo não habita com abundância o nosso coração não podendo por isso florescer e frutificar em nossas vidas, onde encontraremos semente para semear no coração dos fiéis? Mais do que qualquer outro cristão o presbítero precisa de ter experiência pessoal de que a Palavra de Deus encarna verdadeiramente e se cumpre em nossas vidas realizando o que promete. "A tua Palavra, ó Pai, é a verdade", diz Jesus. "Santifica-os na verdade." Ao padre não basta ter a fé que começa por ser um assentimento à pregação que se ouve. Precisa da fé adulta que é experiência e comunhão com o Verbo encarnado, experiência também da vitória de Cristo sobre a morte e da Vida Eterna. É isso estar consagrado na verdade, é isso que lhe permite dizer como os apóstolos: "eu sou testemunha destas coisas" (Act 2,32).

Na boca de um padre que tenha uma fé provada, consolidada e amadurecida, a Palavra de Deus é semente e chuva que rega a sementeira, é leite para os pequeninos em Cristo e mel, alimento sólido, para os adiantados na perfeição. A pregação daquele que se alimenta assiduamente da Palavra manifesta-se cheia da autoridade do Senhor que o envia, e revela-se também marcada pela humildade, responsabilidade e amor daquele que é enviado a dar de graça o que de graça recebeu. Sendo servo e não dono da Palavra, diz a *Pastores Dabo Vobis* no citado número, "o presbítero deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado". E assim, quando abre a boca para falar em nome do Senhor, é normal que se considere o primeiro ouvinte daquilo que o Senhor diz à Igreja por seu intermédio. Falo em nome do Senhor mas "estou a ouvir o que diz o Senhor" (cf Sl 85,9). "Ele anuncia a Palavra na sua qualidade de ministro participante da autoridade profética de Cristo e da Igreja. Para ter em si mesmo e dar aos fiéis a garantia de transmitir o Evangelho na sua integridade, o presbítero deve cultivar uma sensibilidade, um amor e uma grande disponibilidade para com a Tradição viva da Igreja e do seu Magistério que têm a missão de a interpretar rectamente e de lhe conservar o sentido autêntico".

A sua familiaridade com a Sagrada Escritura ajuda-o a escutar as palavras com que Deus fala hoje nos acontecimentos, e dá-lhe discernimento para apascentar o seu rebanho com sabedoria e rectidão.

É consolador ver como o hábito de perscrutar a Palavra em grupo que os seminaristas adquirem no Seminário os leva, depois da ordenação, a reunirem semanalmente para prepararem a homilia em conjunto, confraternizarem e partilharem experiências e preocupações pastorais e pessoais. Esta prática está a transformar, pouco a pouco, o nosso presbitério

diocesano. A perscrutação semanal da Palavra, este contacto orante com o Senhor pela mediação da Escritura complementa o estudo bíblico realizado na Faculdade de Teologia. Não esqueçamos que foi da redescoberta da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja que surgiu a renovação da teologia católica e a eclesiologia de comunhão. Para que os presbíteros de hoje não sejam estorvo mas instrumentos dóceis ao Espírito que renova a Igreja, precisam de viver escutando e pondo em prática a Palavra do Senhor. Escutar e pôr em prática, *audire* e *oboedire*, eis a rocha firme sobre a qual se edifica com solidez, como ensinou o Senhor. (cf Mt 7,24-25)

5 – Edificamos a Igreja com a Palavra, edificamos a Igreja também com os Sacramentos, sobretudo com o Baptismo e a Reconciliação que o renova, e mais ainda com a Eucaristia, mas também com todos os outros.

Presidimos a tantas celebrações... Devemos perguntar-nos porque se vê tão pouco a sua eficácia. Porquê tantos baptizados não se enraízam, não crescem, não florescem e não frutificam como ramos desta árvore fecunda em que foram enxertados? Porquê tanta gente comunga sacramentalmente e não deixa de ser egoísta? Porquê há tanta desunião, divisões e até ódios entre fiéis que celebram a mesma Eucaristia na mesma paróquia e na mesma igreja? Deveremos perguntar, não apenas pela fé, mas também pela esperança daqueles que participam nas nossas liturgias, a começar por nós próprios. A esperança da vinda gloriosa do Senhor, a esperança da ressurreição e da vida eterna, em suma, a esperança especificamente cristã está viva em nós e dá forma ao nosso agir? "Se é só para a vida presente que temos posta em Cristo a nossa esperança..." (Cf. 1Cor 15,19) A liturgia cristã dá-nos um horizonte

infinitamente mais vasto. Também por isso precisamos de recuperar a dimensão cosmológica da liturgia cristã. Celebrar os divinos mistérios é participar na liturgia celeste que Cristo, o único Sacerdote, realiza perante o Pai. As acções litúrgicas, antes e mais que acções nossas, são acções d'Ele. Por isso, não somos donos da Liturgia e não temos o direito de a talhar à nossa medida. Presidimos em nome de Cristo e do Bispo, não em nosso próprio nome. Representamos Cristo, representamos o Bispo, mas não substituímos o Bispo e muito menos o próprio Cristo. A nossa criatividade, o nosso gosto e a nossa vaidade são muitas vezes estorvo à eficácia dos sacramentos. Também aí, e sobretudo aí, precisamos de aprender a estar no nosso próprio lugar. Servimos a Cristo, não nos sirvamos de Cristo. Dizemos as palavras de Cristo, fazemos os gestos de Cristo, tenhamos os mesmos sentimentos de Cristo. Numa palavra: vivamos a Eucaristia e os outros sacramentos a que presidimos.

A eficácia sacramental não é uma magia. É o Espírito Santo que a garante. É muito importante e necessário que sejamos bons liturgos, que saibamos presidir com dignidade e unção cultivando uma verdadeira piedade litúrgica que centre os fiéis no mistério pascal em vez de os deixarmos dispersos por devoções que expressam e alimentam a religiosidade natural mais que a conversão e a vida cristã. Mas, sobretudo, é necessário criar, por meio da evangelização, condições para que os sacramentos actuem no coração e na vida daqueles que os celebram. Como transformar estes restos de cristandade, que ainda vão à Igreja, em autênticas assembleias celebrantes? Vemos como abandonam a Igreja muitas pessoas que nela foram baptizadas mas não evangelizadas. Que futuro haverá para uma Igreja que não implemente nas paróquias uma séria pastoral da iniciação cristã? Também aí é decisivo o discernimento e a coragem dos presbíteros.

A importância do Sacramento da Penitência para nós presbíteros é sublinhada por João Paulo II no mesmo número da *Pastores Dabo Vobis* citando a Exortação Apostólica *Reconciliatio et Poenitentia*: "A vida espiritual e pastoral do sacerdote depende da prática pessoal assídua e conscienciosa do sacramento da Penitência. A celebração da Eucaristia e o ministério dos outros sacramentos, o zelo pastoral, o relacionamento com os fiéis, a comunhão com os irmãos no sacerdócio, a colaboração com o bispo, a vida de oração, numa palavra, toda a existência sacerdotal, sofre uma inexorável decadência, caso lhe venha a faltar, por negligência ou por qualquer outro motivo, o recurso periódico e inspirado por uma verdadeira fé e devoção ao sacramento da Penitência. Num sacerdote que deixasse de se confessar ou se confessasse mal o seu ser padre e o exercício do seu sacerdócio bem depressa se ressentiriam, e disso se daria conta a própria comunidade de que é pastor."

Como são verdadeiras estas palavras! Lembro-me de ouvir há muitos anos o testemunho de um padre austríaco que passou vinte anos sem se confessar. Quem não experimenta a graça imensa de ser perdoado e reintegrado na comunhão eclesial como poderá anunciar o perdão e dispor-se a gastar tempo no confessionário? Não só não vamos à procura das ovelhas perdidas, como ensina o Bom Pastor, mas aborrecemo-nos quando são elas a vir ao nosso encontro e nos dão trabalho...Que espécie de pastores somos nós?

Acerca da dimensão orante da vida do presbítero penso que é necessário sublinhar antes de mais que ele, como cristão que é, não se pode dispensar de realizar diariamente o culto espiritual adorando e louvando a Deus, oferecendo-se a si mesmo ao Senhor e intercedendo pela Igreja e pelo mundo. A Liturgia das Horas aparece neste âmbito. Mas como participante do ministério apostólico, a sua oração tem outras dimensões. Precisa de

cultivar uma grande intimidade com Cristo de modo a tornar-se presença d'Ele na Igreja e no mundo, e cultiva-a diante do sacrário e no diálogo orante com a Escritura. Precisa de interceder por aqueles que o Pai lhe confiou e de se consagrar e de se oferecer em sacrifício por eles, pois a fecundidade do seu trabalho e o crescimento do Reino de Deus também dependem muito da vivência eucarística do seu ministério e da sua oração. E para sermos, como devemos ser, mestres de oração, precisamos de ser verdadeiros orantes. Acerca disto é muito eloquente o testemunho de tantos sacerdotes santos como São João Maria Vianney que neste ano sacerdotal o Papa nos dá como padroeiro.

6 – Finalmente, nós presbíteros somos colocados à frente do Povo de Deus como guias espirituais. "Este *munus regendi*", diz a *Pastores Dabo Vobis*, "é tarefa muito delicada e complexa que inclui, para além da atenção às pessoas singulares e às diferentes vocações, o discernimento e a coordenação dos diversos carismas. Trata-se de um ministério que requer do sacerdote uma vida espiritual intensa, rica daquelas qualidades e virtudes típicas da pessoa que preside e guia uma comunidade: a fidelidade, a coerência, a sapiência, o acolhimento de todos, a bondade afável, a firme autoridade quanto às coisas essenciais, o desprendimento pessoal, a paciência, o gostar do que faz, a confiança no trabalho escondido da graça de Deus"...

Como diz o povo, "candeia que vai à frente alumia duas vezes".

Como guias da comunidade cristã temos hoje perante nós a tarefa ingente de transformar as nossas paróquias em casas e escolas de comunhão, como afirmou João Paulo II na *Novo Millennio Ineunte*. Não é obra fácil para

homens que na sua formação não cultivaram muito a dimensão comunitária da vida cristã. Herdámos um cristianismo individualista, muito orientado para a salvação individual. Não duvido de que a grande maioria dos padres são homens bons e generosos que, apesar das suas debilidades amam sinceramente o Senhor e a Igreja e procuram desempenhar a sua missão com dedicação e amor. Mas não tenhamos medo de reconhecer que estamos também muito marcados pelo racionalismo ocidental que reduziu a fé a um pietismo ou a uma gnose, pelo ritualismo que ressecou a liturgia e pelos moralismos e idealismos que esvaziaram o cristianismo da sua novidade e nos empurram, quase sem darmos conta, para o farisaísmo e para o clericalismo, que são a negação da comunhão eclesial. Precisamos de cultivar e de saborear a graça baptismal que faz de nós irmãos dos outros fiéis antes de lhes sermos dados como pastores. "Sou cristão convosco e bispo para vós", afirmou Santo Agostinho. Quantas vezes nós padres nos vemos condenados a uma solidão negativa que nos devora por dentro, solidão que é apenas ausência dos laços daquela comunhão verdadeira que o Espírito de Cristo, vencedor da morte, cria entre os cristãos. E assim, aquilo que deveria ser *amoris officium*: reduz-se a mero ofício e, às vezes, a ofício amargo. Um padre que não vive o sacerdócio baptismal, como poderá exercer bem o sacerdócio ministerial? Como pode um pagão baptizado em que a religiosidade disfarçou ou escondeu a falta de conversão a Cristo exercer o ministério sacerdotal que faz dele precisamente presença de Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Sua Igreja? Se não nos convertermos, se não renegarmos a falsa identidade que o homem velho nos oferece, como poderemos edificar a comunhão eclesial? Se dela temos medo e a vemos como ameaça e não como graça própria dos filhos de Deus, como a anunciaremos, como a cultivaremos?

Não somos um grupo de franco-atiradores. Somos um presbitério e é no âmbito da comunhão presbiteral presidida pelo bispo que se insere o nosso ministério e a nossa vida. Hoje é muito claro que formar padres é também formar o presbitério. Neste processo de conversão que o bom exercício do nosso ministério reclama para sermos fiéis ao Senhor, é muito importante a prática da direcção espiritual que, ajudando cada um em particular é também um instrumento discreto e eficiente para cultivar a comunhão do presbitério.

A *Pastores Dabo Vobis* e outros documentos do Magistério insistem na necessidade da formação permanente para que possamos desempenhar melhor o nosso ministério sacerdotal. Não me alongarei sobre este ponto, porque a vossa presença dá testemunho de que estais conscientes da sua importância.

7 – Conhecer a Virgem Maria e ter intimidade com ela é fundamental para quem tem por missão edificar a Igreja. Ela é a maquete perfeitíssima da Igreja. O que Deus realizou nela é também o que quer realizar na Igreja e em cada um de nós. Nela, Virgem e Mãe, discípula e orante, aprendemos como se edifica o templo de Deus que é o Corpo de Cristo. Quem olha para ela não constrói em vão.

Mas ela é também muito importante para nós celibatários chamados a viver um matrimónio virginal com a Igreja. Imagem da sabedoria criada, a Virgem Santíssima é "a mulher da nossa vida". Como o sábio, também nós podemos reconhecer que por ela nos vêm todos os bens. Amando-a, recebemo-la como esposa, e ao entrarmos em casa repousamos a seu lado porque a sua intimidade nos oferece alegria e doçura (cf. Sb 7, 11; 8, 2.9.16). E

assim, a figura de José, servo discreto e eficiente, esposo virginal da Mãe de Jesus, chamado a colaborar no mistério da encarnação, é também um espelho para nós, presbíteros.

Três figuras do Novo Testamento resumem, em suas tipologias, a nossa vida de presbíteros: Pedro, João Baptista e o Apóstolo João. Pedro é o servo posto pelo Senhor à frente da Sua casa depois de lhe lavar os pés e por Ele chamado a dar o mesmo testemunho morrendo crucificado. João Baptista significa a dimensão profética do nosso ministério. Como ele, também nós somos enviados à frente do Senhor a preparar os Seus caminhos. O Apóstolo João, o discípulo amado que na Ceia reclinou a cabeça no peito do Senhor e que no Calvário foi entregue a Maria e a recebeu por mãe, ensina-nos a verdadeira gnose cristã que consiste em beber na intimidade de Cristo este amor divino que temos a missão de semear e cultivar na comunhão eclesial.

Ser apóstolo, ser enviado, tem muito a ver com os anjos. "Angélico" e "evangélico" têm a mesma raiz. Com os anjos poderemos entender o nosso ministério como aquele misterioso subir e descer da escada de Jacob levando os homens à presença de Deus e trazendo Deus ao meio dos homens. Não é isso a oração e o ministério profético que Pedro reclamou como a essência do ministério apostólico? Com São Gabriel aprendemos o anúncio do Evangelho e, com São Rafael, a nossa missão pastoral de guiar e de curar. São Miguel ensina-nos a dimensão agónica, combativa, do nosso ministério. De facto, anunciar o Reino de Deus é combater o reino das trevas, anunciar o evangelho da verdade e da vida é combater o reino daquele que é mentiroso e assassino desde o princípio. Anunciar o Deus Único é combater todas as idolatrias que dividem e desfiguram a

humanidade. Anunciar e tornar presente o Filho de Deus que nos revela o Pai é combater o ateísmo e os falsos humanismos que escravizam e esvaziam o coração das pessoas.

8 – Os documentos do Vaticano II, a *Pastores Dabo Vobis* e os outros textos pós-conciliares acerca do nosso ministério são preciosos. Parafraseando Almada Negreiros, "as palavras de que precisamos para nos salvar estão todas escritas". Quem sofreu a confusão dos primeiros anos a seguir ao Concílio, recebeu-as com gratidão e alegria. É assim, com gratidão e alegria que nós as recebemos hoje, ou como um fardo pesado que nos é imposto? Será mesmo verdade que o jugo do Senhor é suave e a sua carga leve, ou também isso são palavras desligadas da realidade? O nosso ministério consiste em dar Vida Eterna àqueles que acreditam. Quem poderia, por si mesmo, realizar semelhante tarefa? Só imaginá-lo seria já temeridade.

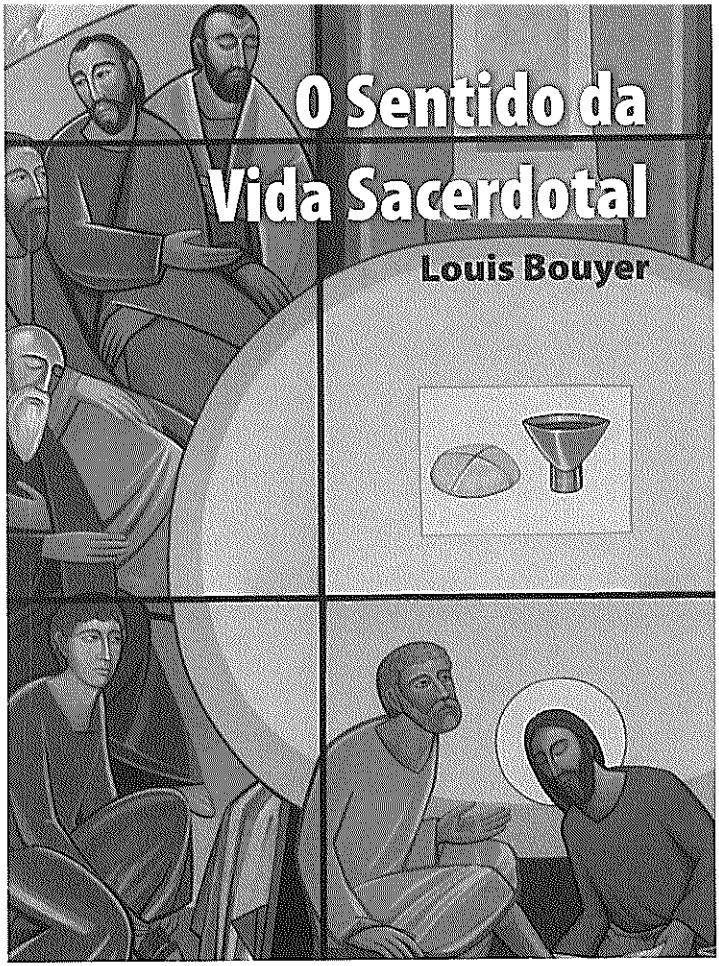
O Senhor não nos pede que O substituamos. Pede apenas a nossa inteira disponibilidade para que Ele próprio realize a sua obra através de nós. Se O amamos, se vemos como as pessoas precisam d'Ele para serem felizes, não é possível dizer-Lhe não e ficarmos tranquilos. Já Lhe demos solenemente o nosso "sim" quando fomos ordenados diáconos e também na ordenação de presbíteros. Ouvimos então estas palavras Suas particularmente dirigidas a nós: "já não vos chamo servos mas amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de Meu Pai" (Jo 15, 15). Sois meus amigos porque vos introduzi nesta comunhão que tenho com o Pai e nesta mesma missão que o Pai me confiou. "Sois meus amigos se fizerdes o que vos mando" (cf. Jo 15, 14). Se diariamente Lhe oferecemos a nossa disponibilidade tudo se torna simples para nós.

"Falamos do que sabemos e damos testemunho do que vimos", diz Jesus (Jo 3,11). Se trazemos e alimentamos diariamente esta comunhão divina em nossos corações não é difícil ser padre porque manifestamos o que vivemos e damos do que transborda do nosso coração. E, apesar das nossas debilidades, infidelidades e pecados, o Senhor realiza a sua obra e faz-nos participantes da admirável fecundidade da sua entrega. Mas é difícil e mesmo impossível exercer bem o ministério sacerdotal se estamos interiormente divididos e se Cristo não reina indiscutivelmente no centro do nosso coração. Então, tudo se complica. E ainda que corramos muito não chegamos longe. Cansamo-nos e não conseguimos ir além da superficialidade de um funcionalismo que não faz crescer o Reino de Deus. E o pior de tudo é a esterilidade espiritual: gastamo-nos, cansamo-nos...para nada.

Vivamos o mistério que foi colocado em nossas mãos ao sermos ordenados! Isto de ser padre preenche a vida toda e não deixa espaço para outras vidas. O Cura de Ars foi apenas padre. Sejamos homens interiormente unificados, sejamos apenas padres, padres inteiros. Assim facilitaremos a tarefa do Espírito que nos envia e de que somos portadores, e teremos a certeza de que não trabalhamos em vão.



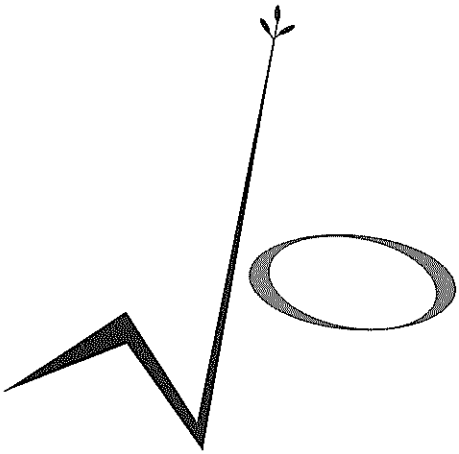
- *Conferência apresentada nas Jornadas de Formação Permanente do Clero de Lisboa no dia 27 de Janeiro de 2010, no Seminário dos Olivais.*



Publicado pela "Tenacitas" saiu agora em português «O Sentido da vida sacerdotal» de Louis Bouyer cuja leitura recomendamos vivamente aos nossos leitores. É um livro notável, daqueles que saboreamos devagar, para podermos apreender a sua profunda riqueza teológica e pastoral.

Escrita há já cinquenta anos, esta obra revela-se muito actual porque nos mergulha no âmago do sacerdócio ministerial. Nele transparece a vivência do autor e o seu deslumbramento perante a sublimidade do sacerdócio cristão.

É uma prenda da Páscoa deste Ano Sacerdotal, uma ajuda estupenda para os padres que não se contentam com uma vivência superficial do seu ministério.



TESTEMUNHO SOBRE O PADRE JOSÉ HONORATO ROSA

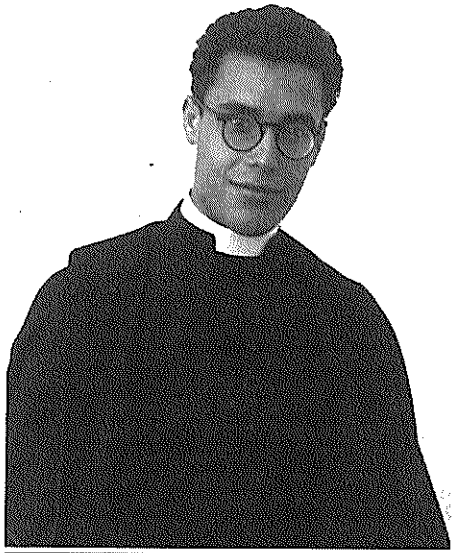
Doutora Maria Vitalina Leal de Matos

Conheci o Padre Honorato Rosa por 1956, num momento crucial da minha vida: estava no 1º ano da Faculdade de Letras, e namorava o meu marido, que era, e se assumia de forma militante, *um ateu*.

Sentia-me com falta de apoios, e procurei ajuda por diversos meios, mas sem sucesso. No geral os confessores diziam-me que acabasse o namoro, ou falavam-me da grande infelicidade que teria de enfrentar.

Por outro lado, a minha falta de preparação em cultura religiosa era a comum, na minha geração. Tinha feito o crisma, com preparação no Liceu

Maria Amália, e mais nada. Era nitidamente insuficiente em face de um rapaz sete anos mais velho, educado no ateísmo por um pai médico e um avô farmacêutico e revolucionário do 5 de Outubro, com leituras de Voltaire, Roger Martin du Gard, etc., de sólida formação científica, e perito em dialéctica.


Padre José Honorato Rosa

Eu frequentava a JUCF, e inscrevi-me esse ano num curso de Filosofia Tomista que o Padre Honorato deu por iniciativa da Acção Católica.

E um dia, ao regressar a casa, imbuída dos argumentos de S. Tomás, Deus tornou-se-me **presente, numa distância abissal**, mas com uma presença inquestionável.

Sendo ao nível do debate intelectual que se situavam as discussões religiosas constantes no namoro, onde eu dava luta até onde chegava o meu saber, tive a alegria de encontrar por fim o caminho para um debate mais equilibrado,

Claro que, como aluna, eu não dominava a matéria como o mestre, o que fazia que muitas das nossas discussões terminassem num impasse em que eu me confessava sem resposta, mas a prometia para o próximo *round* depois da próxima consulta ao Padre Honorato.

O João Carlos cansou-se desta situação e decidiu ele mesmo enfrentar o meu professor, o que o Padre Honorato aceitou de bom grado. Tinha-se tornado entretanto o meu director espiritual, e nunca me disse que acabasse o namoro, o que me trouxe a paz de saber, como me dizia o coração, que a fé não era incompatível com aquela circunstância que para mim se tornara vital.

Assim, o Padre Honorato marcou-nos um encontro na Casa de Retiros de S. Mamede, acolheu o João Carlos com muito respeito e afecto, e o prélio teve lugar.

Demoraram horas. O João Carlos era um esgrimista temível, e a certa altura o Padre Honorato disse-lhe: *Não sei como responder à questão que me coloca. Mas note bem: o facto de não ter hoje e aqui a resposta, não significa que ela não exista. Vou estudar a questão e da próxima vez, continuaremos.*

Não houve próxima vez. O João Carlos ficou desarmado com aquela honestidade e franqueza (sem falar com a personalidade cativante do Padre Honorato, cujo amor pelo próximo se sentia, sem necessidade de palavras para o dizer). Ficaram extremamente amigos e o João Carlos respeitou-o sempre como uma referência insubstituível.

Foi o Padre Honorato que nos casou, aconselhando-nos a modalidade da *dispensa da disparidade de culto*, embora o João Carlos estivesse na disposição de se baptizar para casarmos. O Padre Honorato fez-nos ver, porém, que incorríamos numa mentira e em falta de respeito pelo sacramento, e – apesar de a solução não agradar aos meus Pais – foi assim que casámos.

Depois do nascimento do nosso segundo filho, o João Carlos foi abordado por um professor e colega, que pertencia à Opus Dei, um movimento que ele ainda hoje admira, pelo importância que concede ao *trabalho*, como forma de santificação, e também porque faz um enquadramento das pessoas, com uma grande disciplina, que ele valorizava porque era adequado à sua personalidade. Fez assim uma caminhada de aproximação à Igreja.

Em certa altura, em 1967, decidiu baptizar-se. E disse-me: «*Pede ao Padre Honorato que seja o meu padrinho*».

As nossas relações continuavam estreitas, até porque entretanto eu ingressara como assistente na Faculdade de Letras, e era portanto colega do Padre Honorato. Falávamos com muita regularidade, e ele vinha de vez em quando jantar a nossa casa.

Fui fazer-lhe o pedido, expliquei-lhe as circunstâncias, e respondeu, duma forma que revelava como o conhecia bem: *O João ainda não está maduro. Mas se quer baptizar-se, eu serei o seu padrinho com todo o gosto.*

Assim foi. E no dia 13 de Janeiro de 1968, celebrou-se o baptismo na igreja de S. Sebastião, freguesia para onde tínhamos vindo morar havia pouco. A cerimónia foi lindíssima. Contou-me mais tarde um outro sacerdote – colega da faculdade que convidáramos, e que esteve na sacristia – que tinha havido uma dura negociação anterior: o Padre Honorato entendia que eu estivesse ajoelhada ao lado do meu marido, ficando ele próprio também a seu lado, enquanto padrinho. O padre que oficiava, e que presidiu à cerimónia, não era dessa opinião. Mas o Padre Honorato não cedeu.

Viemos, com os amigos e familiares que tínhamos convidado, almoçar para nossa casa. O Padre Honorato foi a primeira pessoa a ausentar-se. À saída, disse-nos com aquele sorriso muito afectuoso que sempre tinha: *Agora os meus amigos precisam de ficar sós.*

Esta frase adquiriu valor simbólico, porque um mês depois, numa quarta-feira de cinzas, tive bruscamente conhecimento da sua morte. Não queria acreditar. Ele tinha 47 anos. Fora um acidente. E ficámos ambos, como muito outra gente, desnorteados.

Acompanhámo-lo até à campa, perto de Óbidos, num dia de chuva tristíssima, mas não podíamos deixar de fazer tudo o que estava na nossa mão.

Ainda me lembro do sentido da homilia da missa, na igrejinha da aldeia: *O Padre Honorato ensinou-nos que o Reino de Deus começa aqui, na terra. Nós tivemos o privilégio de ver, através dele, o Reino de Deus.*

Que dizer mais?

Que é uma presença constante na minha vida.

Que lembro e relembro certas palavras que me disse, até chegar a compreender o sentido que, na altura, não captei plenamente.

Que durante muito anos, perante uma dificuldade ou um problema, a pergunta que me ocorria era esta: *o que diria o Padre Honorato?* Viviam-se tempos problemáticos, com o Concílio a ser assimilado lentamente. *Qual seria a sua opinião?*

Pouco a pouco, ia-me dando conta que ele me transmitira tanta coisa, me ensinara uma atitude, uma confiança em Deus, de tal modo que eu também

começava a beneficiar daquele tesouro de que Jesus fala, feito de coisas novas e velhas, donde sempre se pode tirar sabedoria, e encontrava respostas também válidas.

Foi meu professor em História do Cristianismo, com um programa que se centrava em Jesus, e na transmissão do Novo Testamento. Era uma abertura de horizontes. Todos os alunos, crentes ou descrentes, bebiam as suas aulas avidamente.

Estava sempre aberto às novas ideias e orientações. Vim a trilhar, mais tarde, caminhos do estruturalismo; mas lembro-me que – antes de alguém falar disso na faculdade – ele me tinha elogiado a obra de Lévi-Srauss com um entusiasmo e uma compreensão do que havia ali de novo e de diferente. Encorajava a curiosidade intelectual dos alunos. Aceitava todas as medidas, mas puxava sempre para cima.

Vivera o Concílio com grande alegria. Orientava-me certas leituras e assim que os documentos conciliares foram traduzidos em francês, comprei-os e passaram a ser de consulta obrigatória.

Deixem-me contar-lhes duas ou três histórias:

Um dia, a uma colega minha em dificuldade, ainda nos tempos de aluna, sugeri que falasse com o Padre Honorato e combinei o encontro, numa igreja. Fui à sacristia dizer-lhe que tínhamos chegado, e ao voltar à igreja, preparava-me para fazer a apresentação. Ele contudo executou uma genuflexão tão concentrada, que por momentos nada mais existia a não ser a presença de Deus no sacrário. Era uma forma palpável de sentir Deus: ver o Padre Honorato rezar, confessar, absolver, celebrar. Mesmo apenas genuflectir. Através do contacto dele com o Senhor, o Senhor tornava-se «visível».

Outra história: a Maria de Lordes Belchior, de quem tive o privilégio de ser colega e amiga, sabendo que o Padre Honorato viria jantar a nossa casa, pediu-me que o avisasse de que havia uma campanha política contra ele, mal intencionada e difamatória.

Contei ao João Carlos, e depois do jantar demos-lhe conta deste cuidado: ele riu-se jovialmente (era muito alegre mas sem o mínimo de vaidade), agradeceu-nos e respondeu. *Não era novidade absoluta para ele. Mas que mal lhe podiam fazer? Em qualquer sítio podia ser sacerdote: numa prisão, em África, no Brasil, ou na China, exilado ou perseguido, ninguém podia atingir aquilo que era o cerne da sua vida: o sacerdócio. Não havia portanto a mínima razão de inquietação.* E transmitiu-nos a sensação de paz com que respondia.

Um dia, falando-me na importância da liberdade da pessoa humana, foi ao ponto de me escandalizar, dizendo que se soubesse que uma pessoa ia suicidar-se, não se sentia no direito de interferir. Creio que estou a exagerar. Interviria pela persuasão, se pudesse. Mas não mais.

Só mais tarde entendi estas palavras, percebendo que são a tradução da atitude do Senhor Jesus. Se fôssemos amparados sempre que pisássemos o risco, que liberdade era essa que Deus nos deu? A liberdade que vai ao ponto de o negarmos e de nos condenarmos.

Sob a aparência duma grande bonomia, duma doçura infinita, duma alegria sem limites, o Padre Honorato não admitia distorcer a verdade, ou o comportamento um milímetro. Levava-nos à exigência total em moral, em doutrina, em vida espiritual. Nos princípios, não havia cedências. Tinha uma indulgência absoluta com os pecadores, mas não com o pecado. Não havia nele a menor transigência, no plano dos princípios. Depois, perante o caso

concreto, ponderadas as circunstâncias, poderia aconselhar de forma adaptada à realidade. Por isso a sua intransigência não se confundia com fundamentalismo. Provinha da fidelidade ao Senhor Jesus.

Passei um dia por uma crise de namoro, que nos pôs à beira da ruptura. Estava muito aflita. Levantei-me cedo e tomei o 1º autocarro para o Seminário dos Olivais. Não lhe tinha sequer telefonado. Ele recebeu-me imediatamente, contei-lhe o que se passava, ficou consternado. Mas confirmou que a minha atitude não tinha alternativa. Porém, eu não podia quebrar a comunicação. Tinha que voltar para casa e escrever ao João Carlos. Pedi-lhe: *Ajude-me a escrever essa carta. Nem pensar*, respondeu ele, docemente. *Isso não seria verdadeiro. A carta é só sua.* Não facilitava.

A minha devoção pelo Padre Honorato é tal que – apesar de ter tido o privilégio de conhecer sacerdotes excepcionais, de entre os quais destaco o Padre Manuel Antunes, companhia e intelectual e humana minha e do meu marido, durante décadas – não tenho dúvida em dizer que o meu mestre foi o Padre Honorato.

Enraizou-me na esperança, no amor de Deus, na fé. Incutiu-me uma imensa confiança na misericórdia divina. Tornou-me profundamente exigente com a verdade. Ensinou-me a lutar contra uma educação em que os escrúpulos me afligiam, e me distraiam do essencial. A relativizar certas formas, costumes ou tradições, em face daquilo que é a vontade de Deus. A nunca me cansar de procurar melhorar o meu entendimento intelectual do Cristianismo: leituras, cursos, o que agora, já reformada, tenho mais oportunidade de fazer.

Penso que foi um santo – não como tantos outros o são, sem que disso dêmos conta – mas de forma sensível para quem o conhecia; vivia o sacerdócio, a

fé, a esperança e o amor de Deus e dos homens, com uma total simplicidade, mas que se tornava *surpreendente* para quem lhe passava perto.

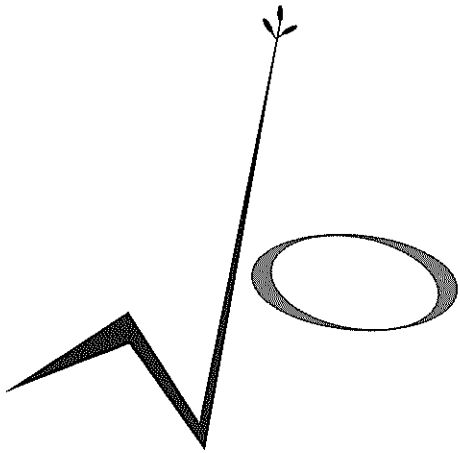
Esta **surpresa** faz uma diferença sensível. Era um reflexo de Deus, que atraía o olhar. Uma bondade que testemunhava da Bondade absoluta. Uma atenção aos outros que revelava a disponibilidade de Cristo. Um perdão que emanava do perdão de Jesus, e por isso era consolador, exigente, e reconciliante.

A *presença de Deus* fazia-se visível através da forma como a vivia. Sendo uma pessoa com forte personalidade, de que eu procurava depois guardar a recordação – o tom de voz, a maneira de falar, a respiração um pouco asmática – agarrada ainda à recordação que inevitavelmente se esbatia, acabava por se tornar *transparente a Deus*. Tornava-nos Deus próximo, sensível, susceptível de ser alcançado.

Por isso o seu convívio transmitia serenidade, alegria, esperança, paz. Pensava-se, ao pé dele, como os discípulos disseram na Transfiguração: *Como é bom estar aqui!*



- *Texto da Doutora Maria Vitalina Leal de Matos que o apresentou no dia 28 de Janeiro de 2010 no âmbito das Jornadas de Formação Permanente do Clero de Lisboa no Seminário dos Olivais. Foram também apresentados testemunhos acerca do Cónego Armindo Duarte e de Mons. Botelho, que gostaríamos de poder publicar futuramente.*



Crónica

Iniciámos o segundo trimestre no dia 3 de Janeiro, dia da Epifania do Senhor, com a celebração das Vésperas. Este mês foi marcado também pela época de exames na Universidade, tempo de pôr à prova os conhecimentos recém-adquiridos.

Sendo embora um período sem aulas e, portanto, com horários menos apertados, as habituais actividades da vida de Seminário continuam. O serão das quartas-feiras em que costumamos receber convidados que nos vêm falar de determinados temas da actualidade, é diferente no tempo de exames: depois de nos reunirmos todos às 23h para um *briefing*, segue-se um pequeno "aconchego" do estômago, normalmente preparado por cada curso, que prolonga de certa forma a vivência comunitária numa altura favorável ao estar sozinho.

Agora sobre as actividades propriamente ditas que marcaram o mês de Janeiro, podemos destacar a nossa "Hora de Adoração e Oração pelos Sacerdotes", desta feita organizada pelo curso de S. Pio Pietrelcina (6º ano), e que teve lugar no dia 7, por ser a primeira quinta-feira do mês. Destacamos ainda o dia 22, com a celebração do padroeiro principal da diocese, S. Vicente, marcada pela Missa e veneração das relíquias na Sé; as jornadas de formação permanente do clero, que decorreu nos dias 26, 27 e 28, e que contou com a presença do Sr. Bispo Juan María Uriarte Goiricelaya, Bispo-Emérito de San Sebastián, Espanha. Mencionar ainda que no final do mês, dia 30, contámos com a revisão do semestre, na qual, em comunidade, fazemos uma retrospectiva do semestre anterior, tomando atenção ao caminho feito, as coisas boas mas também aqueloutras menos positivas que necessitam de ser corrigidas.

No mês de Janeiro celebrámos alguns aniversários: no dia 10 do Rui Cantarilho (5º ano), no dia 15 do João Correia (3º ano), e nos dias 23 e 24 do Fábio (4º ano) e do Ronald (5º ano), respectivamente.

*

O início do mês de Fevereiro coincidiu também com o recomeço das aulas do segundo semestre. Retomámos assim o ritmo normal das quartas-feiras. No dia 3 contámos com a presença de três membros da Comunidade de S. Egídio, que vieram dar-nos a conhecer este movimento católico de leigos e partilharem o seu testemunho de serviço desinteressado aos "seus amigos", como diziam, isto é, àqueles que não têm um tecto e vivem na rua. Esta comunidade reúne-se em alguns dias da semana para, num primeiro momento, rezar e, depois, sair ao encontro dos

"amigos", levando-lhes o conforto de uma refeição quente e algumas roupas. Foi, de facto, um belo testemunhc de caridade e constituiu para nós uma interpelação sobre a forma como cada um usa os bens materiais e olha para os pobres. E no dia 10, contámos com a presença da Sra. Dra. Graça Franco, directora de informação da Rádio Renascença, que nos deixou uma perspectiva muito global sobre o estado da informação do nosso país. Mais, uma vez que é formada em economia, também delineou para nós um retrato de Portugal em termos económicos.

Neste mês pudemos contar com mais um tempo de Adoração e Oração pelos Sacerdotes, preparado pelo curso de S. Paulo (3º ano), que aconteceu no dia 4.

O Tempo da Quaresma trouxe alguns acontecimentos importantes para a nossa comunidade. Em primeiro lugar as Catequeses Quaresmais ao fim da tarde de domingo, e que este ano contou com a transmissão *on-line* e em directo pela nossa Rádio Olivais. Em segundo, o Retiro anual da nossa comunidade, que decorreu entre os dias 22 e 26, no centro de espiritualidade do Turcifal. Tivemos como pregador o Sr. Arcebispo D. Maurílio Jorge Quintal de Gouveia, Arcebispo Emérito de Évora, que muito nos ajudou neste tempo de maior oração com suas meditações e testemunho.

Festejámos no mês de Fevereiro os aniversários do Paulo Pires no dia 17, e do Sr. Patriarca, dia 26.

*

Na primeira semana do mês de Março contámos, em primeiro lugar, com a habitual hora de adoração e oração pelos sacerdotes, que decorreu no dia 4, primeira quinta-feira. Mas no dia anterior, dia comunitário, tivemos oportunidade de iniciar um "tri-ciclo" de

conferências, deste feita guiado pelo Padre Doutor Henrique Noronha Galvão, aproveitando a sua proximidade académica com o Santo Padre. Foi uma oportunidade para reflectirmos sobre a importância do ministério petrino na Igreja e sobre o múnus concreto do Santo Padre Bento XVI.

Na semana seguinte, fomos prendados com um concerto, realizado no oratório principal do Seminário, e desempenhado pelo coro paroquial de Cristo Rei da vizinha paróquia da Portela. Como referiu o seu maestro, tratou-se, por um lado, de um acto de louvor a Cristo neste Ano Sacerdotal pelos sacerdotes formados nesta casa, e por outro, num gesto de reconhecimento ao próprio Seminário, uma vez que a paróquia da Portela funcionou no Seminário dos Olivais antes da edificação da igreja paroquial.

No dia 18 participámos na "Páscoa das Universidades", que neste ano contou com a celebração eucarística na igreja de Nossa Senhora de Fátima, e no dia 20 decorreu a recolecção de um dia na igreja paroquial da Enxara do Bispo para os alunos do 4º e 5º anos que haviam de receber em breve os ministérios do leitorado e acolitado. As instituições celebraram-se na quarta-feira seguinte, dia 24.

No dia seguinte, 25 de Março, a Missa celebrou-se na Universidade, sob a presidência do Sr. Patriarca. E no dia seguinte, sexta-feira, foi para nós o último dia de aulas deste segundo trimestre.

A comunidade voltou a reencontrar-se na quarta-feira Santa ao final da tarde, para a celebração de Vésperas-Missa. O serão foi ocupado com os ensaios de cânticos para as celebrações pascais, e arrumações do Seminário para o acolhimento do clero diocesano, no habitual almoço com o Sr. Patriarca depois da Missa Crismal.

Vivemos as celebrações do Tríduo Pascal foram na Sé Patriarcal. Envolveram activamente toda a comunidade, inclusivamente na sua preparação. Foram dias intensos em que celebrámos os acontecimentos centrais da nossa vida: o amor infinito do Senhor, pelo qual Ele Se ofereceu por todos, e que, na sua grande misericórdia, quis que nós experimentemos e cultivemos na vida de Seminário, revivendo a experiência dos Doze.

No dia de Páscoa, com a Missa na Sé, terminámos mais este tempo comunitário que nos uniu durante as celebrações do Tríduo Pascal.

Voltámos a encontrar-nos, para o início do terceiro trimestre no dia 11 de Abril, Domingo da Oitava da Páscoa, e para, no dia seguinte, recomeçarmos o período de aulas.



Oração de Vésperas



Agora já pode acompanhar todos os Domingos às 19h45, a Oração de Vésperas transmitida pela internet a partir da Igreja do Seminário dos Olivais.

Aceda em
http://www.seminariodosolivais.org/

